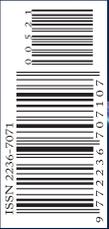


NOV-DEZ DE 2015

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 12,68



Jo Card

**SOMOS NÓS
A ÚLTIMA
GERAÇÃO?**

**PREPARANDO
O MUNDO
PARA O FIM**

**IMPLICAÇÕES
DE UMA LONGA
ESPERA**



William de Moraes

Missão parcialmente cumprida

O pôr do sol do dia 31 de dezembro deste ano é também o ocaso do meu ministério institucional adventista do sétimo dia. Aquele momento assinala 40 anos desde o dia em que fui recebido pelo saudoso pastor Arandy Nabuco, justamente no culto de gratidão na passagem do ano, a fim de auxiliá-lo na igreja central de Salvador, BA. Dois meses depois, recebi meu primeiro distrito pastoral. Era apenas o início da realização de uma vocação percebida desde a infância em Cruz das Almas, BA, onde nasci. Vocação implantada por Deus em meu coração, incentivada por meus saudosos pais e demais familiares, por professores da Escola Sabatina dos menores e da escola paroquial. Modelada e orientada pelo ministério dos pastores da minha infância, adolescência e juventude: Antônio Pereira da Silva, Gileno F. Oliveira, Plácido R. Pita, José Monteiro de Oliveira, Paulo Marquart, Elias Gomez e Horne P. Silva.

Cada ponto da jornada que incluiu pastorado de igrejas, liderança de departamentos e atividades editoriais está nitidamente gravado e projetado em minha mente. Ela foi pontilhada de erros e acertos, reveses e vitórias, lágrimas e sorrisos, desafios e superações. Mas, com Deus, o saldo sempre é positivo. Não tenho traumas, nem mágoas, nem queixas. Estou liberto dos erros cometidos, pois, em relação a eles, tenho a certeza do perdão de Deus e a compensação das lições aprendidas. Elas me habilitaram a enfrentar com maior dose de sabedoria novos desafios posteriores.

Gratidão é o sentimento que agora me domina. Agradeço ao Senhor; primeiramente, pela graça do chamado. Nada tendo em mim que justifique esse privilégio, posso dizer como Paulo: “Pela graça de Deus sou o que sou” (1Co 15:10). Sim, agradeço ao Senhor que me deu infinitamente mais do que pedi, imaginei ou esperei receber. Agradeço a Lenice, querida esposa, e às minhas filhas, Denise, Aline e Évelyn. Fonte de inspiração, comprometidas com os ideais cristãos, elas (com meus genros e netos) são meu maior tesouro na Terra. Agradeço aos líderes de Campos e membros de igrejas onde trabalhei, aos colegas de ministério, pelas lições que me

ensinaram e pelo afeto cristão que nos une. Agradeço especialmente aos secretários ministeriais da Divisão Sul-Americana, aos administradores e colegas da Casa Publicadora Brasileira (instituição à qual servi durante 25 anos e meio), e aos colegas da nossa editora na Argentina, pela confiança, tolerância e pelo companheirismo com que me honraram.

Trabalhar 23 anos na revista *Ministério* foi um grande privilégio e uma realização. Desse modo, continuei sendo pastor (tudo o que sempre quis ser) e secretário ministerial, via página impressa. Graças a Deus! Agora, com prazer, entrego-a aos pastores Wellington Barbosa (editor titular) e Márcio Nastrini (editor associado). Eruditos, competentes, experientes pastores e editores. Estou seguro de que a bênção de Deus os acompanhará e eles tornarão cada vez melhor a revista.

Minha missão institucional está cumprida, mas não posso prever a data em que terminará a missão vocacional. Essa continuará viva e ativa até que eu seja chamado ao descanso da morte. Enquanto em mim houver uma centelha de vida consciente, “eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar” (2Co 12:15) pelo Mestre.

Providencialmente, nesta última edição de 2015, *Ministério* destaca a segunda vinda de Jesus. Alegria-nos o fato de que estamos um ano mais perto da concretização dessa bendita esperança. Ela deve ditar nosso estilo de vida, mover nosso ministério e ser tema constante de nossa proclamação. Podemos ser a última geração antes da vinda de Jesus. Se assim não for, “guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel” (Hb 10:23). Ele virá! Enquanto isso não acontece, ministremos e “vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo” (Tt 2:12, 13). É somente a partir de então que a vida transcorrerá sem limitações nem interrupções. “Amém. Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:20). **TV**



Minha missão vocacional ainda não terminou. Enquanto em mim houver uma centelha de vida consciente, eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar' pelo Mestre”

Zinaldo A. Santos

8 Esperança no púlpito
Nunca é demais pregar sobre a volta de Cristo.

11 Implicações de uma longa espera
Alberto R. Timm
Análise das tensões entre a iminência e a demora do advento.

14 A última geração
Skip Bell
Quem somos nós, à luz da esperança da segunda vinda.

17 Dimensões da escatologia
José Carlos Ramos
Teólogo expõe a abrangência dos eventos escatológicos.

21 Preparando o mundo para o fim
Robert Costa
Como levar o evangelho a todos os povos e culturas.

24 Foco na direção certa
Norman R. Gulley
Cristo, não a crise, é o centro da bendita esperança.

26 A voz do segundo anjo
Murray House
A segunda mensagem angélica e sua relevância para a igreja.

2 Editorial
4 Entrelinhas
5 Entrevista
30 AFAM
32 Mural
34 Recursos
35 Ponto final

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 87 – Número 521 – Nov/Dez 2015
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor
Zinaldo A. Santos

Editor Associado
Márcio Nastrini

Assistente de Editoria
Lenice F. Santos

Projeto Gráfico
Levi Gruber

Designer
Cleusa Santos

Capa
Jo Card

Colaboradores Especiais

Carlos Hein; Herbert Boger; Jerry Page;
Derek Morris; Willie Hucks

Colaboradores

Alberto Peña; Aldo Muñoz; Antônio
Moreira; Cícero Gama; Cláudio Leal; Edison
Vasquez; Edilson Valiante; Eufrazio Quispe;
Fabian Marcos; Geraldo M. Tostes; Horácio
Cayrus; Jair G. Cóis; Leonel Lozano; Lucas
Alves; Mitchel Urbano; Waldony Fiúza.

Ministério na Internet

www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral
José Carlos de Lima

Diretor Financeiro
Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe
Marcos De Benedicto

Redator-Chefe Associado
Vanderlei Dorneles

Chefe de Arte
Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 61,60
Exemplar Avulso: R\$ 12,68



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6.500

5972 / 33489



Cortezza DSA

Planejar para crescer

O livro de Provérbios nos apresenta as bases para um planejamento de sucesso: “O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor” (Pv 16:1). “Os planos mediante os conselhos têm bom êxito” (Pv 20:18). “Os planos do diligente tendem à abundância” (Pv 21:5).

Nesses textos, há três palavras-chave: “Senhor”, “conselhos” e “diligência”. É fundamental buscar ao Senhor, Sua vontade e Seus propósitos para nós e para a igreja. Além disso, um planejamento requer conselhos de quem tem o dom de administrar. A diligência é a palavra-chave para o sucesso do que foi planejado. Ela envolve acompanhamento diário, semanal e mensal da execução do projeto.

Existem modelos de planejamento que levam a bons resultados, mas nem sempre de excelentes realizações. Líderes, igrejas e instituições podem reproduzir todos os anos as mesmas coisas boas, apenas trocando datas e capas de seus planos de trabalho. Conforme diz Jim Collins, em seu livro *Empresas Feitas Para Vencer*, “a grande maioria das empresas jamais se torna excelente, só porque já é bastante boa – e esse é seu principal problema” (p. 17).

De acordo com o Sistema de Gestão da Secretaria da Igreja, no território da Divisão Sul-Americana, há mais de cinco mil igrejas que dobraram o número de membros nos últimos cinco anos. Ao mesmo tempo, temos o registro de um número similar de igrejas que continuam com o mesmo número há muitos anos. Talvez o problema seja o fato de que muitos querem ver sua igreja crescer, mas não sabem como fazer isso. Para começar, convém notar as palavras do filósofo Peter Koestenbaum: “Qualquer um que tenha feito a diferença para o bem ou para o mal tem três atributos comuns: visão, disciplina e paixão”. E mais: “Os melhores líderes operam em quatro dimensões: visão, realidade, ética e coragem para alcançar resultados significativos e sustentados” (Stephen R. Covey, *O 8º Hábito: Da Eficácia à Grandeza*, p. 68, 66).

Isso chama nossa atenção para a necessidade de planejar sabiamente, visando ao crescimento da igreja. Nesse sentido, Stephen Covey afirma que “grandes líderes entendem que conseguem executar, de forma

excelente, apenas duas ou três metas por vez”, sendo essas metas as mais importantes.

Um modelo de planejamento, elaborado pela Associação Ministerial (veja páginas 32 e 33 desta edição), propõe o estabelecimento de três metas principais: (1) Estratégia – onde, como e quando acontecerá o evangelismo? (2) Discipulado – viver na prática o Ciclo do Discipulado, em suas três fases. (3) Desenvolvimento de líderes – potencializar e desenvolver esse dom na Escola Sabatina e nos pequenos grupos.

O gráfico abaixo mostra que quanto maior o número de metas, menores são as chances de chegada a um resultado excelente.



Modalidades mais simples de trabalhar devem ser ideadas e adotadas nas igrejas”

Número de metas	Metas atingidas com excelência
1-3	1-3
4-10	1-2
11-20	0

Estabelecidas e colocadas em execução as metas principais, segue-se o acompanhamento delas, feito pela comissão da igreja. Duas perguntas devem ser respondidas pelo líder de cada departamento: (1) O que você e seu departamento realizaram neste mês para alcançar a grande meta? (2) O que você e seu departamento se propõem realizar no próximo mês para alcançar a grande meta?

Simplificação é a palavra-chave no planejamento. Ellen G. White afirmou: “Modalidades mais simples de trabalhar devem ser ideadas e adotadas nas igrejas. Se os membros aceitarem unanimemente esses planos e perseverantemente os executarem, recolherão recompensa farta; porque a sua experiência se irá enriquecendo, a habilidade aumentando e, por seus esforços, pessoas serão salvas” (*Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 66).

Herbert Boger

Secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana

Liderança guiada pelo Espírito

“Nossa tarefa é altamente espiritual e nos convida a manter nossos olhos em Jesus Cristo e Sua Palavra”

por R. Clifford Jones

O pastor Ted N. C. Wilson tem 65 anos, nasceu em Takoma Park, Estados Unidos, e passou parte da infância no Egito. Tem um mestrado em Divindade, pela Universidade Andrews, outro em Saúde Pública, pela Universidade de Loma Linda, e um doutorado em Educação Religiosa, pela Universidade de Nova York. Ele começou a carreira pastoral em 1974. Entre outras funções, foi presidente da Divisão Euro-Asiática, presidente da editora *Review and Herald* e vice-presidente mundial da Igreja Adventista, até ser eleito presidente da denominação em 2010 e reeleito no dia 3 de julho deste ano, na assembleia realizada em San Antonio, Texas.

De seu casamento com Nancy Louise Vollmer Wilson nasceram três filhas (duas casadas com pastores), que lhe deram nove netos. Nesta entrevista, o pastor Ted Wilson expõe suas ideias a respeito de liderança espiritual.

O que é liderança para o senhor?

Liderança humilde, serviçal, aponta Cristo e Sua missão para as pessoas. É ajudar as pessoas a descobrir o plano de Deus para a vida delas e para o mundo, conforme a Bíblia. Verdadeira liderança espiritual, dirigida pelo Espírito Santo, focaliza o sucesso da igreja em vez do ganho pessoal. Liderança cristã exalta Cristo, Sua Justiça, a mensagem do santuário, o sábado, as mensagens angélicas e a breve vinda de Jesus.

Que características o senhor considera vitais para o exercício da liderança eficaz?

Posso enumerar: habilidade para captar rapidamente os detalhes de uma situação particular, análise racional do problema, disposição para examinar todos os lados da situação, imparcialidade no trato de questões e pessoas, e não se sobrecarregar com



Divulgação Associação Geral

superficialidades. O líder eficaz deve ser alguém altamente espiritual, amável e empático, que vive em comunhão com Deus por meio do estudo da Bíblia e uma vibrante vida de oração.

Quão importante é a visão para a liderança, e como o senhor tem desenvolvido sua visão para a igreja?

Ter visão é vital. É ver o quadro maior. É ver o que pode e deve acontecer. Viver em total dependência do Espírito Santo abre os olhos do líder para onde Deus deseja levar a organização. O líder eficaz também ouve outros líderes e pessoas, para construir a visão da organização. Deus compartilhará plenamente Sua visão com o líder que estuda Sua Palavra.

Se as pessoas resistirem à visão do líder, o que ele deverá fazer?

O líder não deve temer compartilhar com cuidado e convicção o que Deus lhe tem revelado. Se as pessoas resistirem,

ele deve ouvir cuidadosamente o que elas têm a dizer. Posteriores discussão e oração serão necessárias, enquanto o líder tenta obter o consenso. Devemos nos lembrar de que o Espírito Santo sempre guia à verdade.

De que maneira o senhor tem gerenciado conflitos e diferenças de opinião?

O Senhor quer que Seu povo seja unido, e Jesus orou enternecidamente por isso, conforme lemos em João 17. Ele orou para que sejamos um nEle assim como Ele é um com o Pai. Mas Cristo sabia que no fim do tempo haveria forças do mal que tentariam dividir a igreja de Deus. Tenho descoberto que ouvir cuidadosamente no contexto de um diálogo dirigido pelo Espírito é um caminho seguro para tratar com diferenças de opinião. É vital que, em oração e cuidadosamente, o líder dialogue metodicamente com líderes e membros da igreja.

Qual o papel da equipe de trabalho quando se fala em liderança, e como o senhor tem feito para construir uma equipe de liderança?

Conforme Paulo explica em 1 Coríntios 12 e Efésios 4, é fundamental que haja um esforço unido para conquista dos alvos de uma organização. Devemos trabalhar juntos, à semelhança dos vários membros do corpo que devem trabalhar em harmonia, tendo em vista o funcionamento sadio do corpo. Para mim, os membros da equipe de liderança devem ser pessoas comprometidas com a Palavra de Deus e ter uma compreensão do papel profético da Igreja Adventista do Sétimo Dia, como igreja remanescente de Deus. Também devem saber como trabalhar humildemente com as pessoas e devem confiar no poder de Deus. Finalmente, devem ser pessoas de oração. Pessoas que oram juntas encontram um forte elo em Cristo.

Como o senhor faz para promover uma atmosfera na qual as pessoas são motivadas a perseguir alvos mutuamente benéficos?

É importante que um líder cristão cultive um contexto no qual as pessoas se sintam capacitadas a perseguir seus alvos sem interferências indevidas. O líder deve capacitar, incentivar outros e encorajar o pleno engajamento dos liderados. Deve buscar obter o máximo envolvimento possível, e é vital que saiba expressar apreciação e gratidão pelas ideias e pelo apoio obtidos de outros.

“O líder deve inspirar, e isso acontece quando ele tem íntima comunhão com o Senhor. É absolutamente vital que o líder dependa completamente de Jesus, em todo o tempo, clamando por sabedoria”

Mencione um personagem bíblico, exceto Jesus, e outro não bíblico, que o senhor considera exemplos de liderança eficaz.

É difícil nomear apenas um personagem bíblico que exemplifique a liderança cristã. Entretanto, Moisés é um dos mais notáveis exemplos de líder manso e determinado. Moisés tirou força de sua completa dependência de Deus, e ele foi tão altruísta que somente desejou o melhor para o povo de Deus. O mesmo poderia ser dito de Josué, José, Ester, Daniel e Paulo. Sua liderança e seu comprometimento mostram o que acontece quando pessoas talentosas e habilidosas colocam-se totalmente diante do Senhor para ser usadas por Ele. John Huss é um exemplo do tipo de liderança que Deus procura. Por sua firme e inflexível crença na

Palavra de Deus, Huss inspirou milhares de pessoas a se levantarem pela verdade, incluindo Martinho Lutero. John Huss morreu nas chamas enquanto cantava e pedia misericórdia de Deus. Que exemplo de confiança!

Que verso ou passagem da Bíblia melhor resume sua compreensão de liderança espiritual?

Há muitos. O primeiro é Josué 1:6-9, que ressalta a importância da coragem. O seguinte é Josué 24:14-18, que mostra a importância do completo comprometimento com Deus e dependência dEle. Miqueias 6:8 destaca que o líder cristão deve fazer o que é reto, amar a misericórdia e andar humildemente com Deus, caso deseje ser eficaz. Finalmente, Tiago 1:5 mostra que o líder cristão necessita desesperadamente de sabedoria e direção, para ser bem-sucedido. Peço a Deus o cumprimento dessas promessas a cada dia.

Em sua opinião, qualquer pessoa pode ser líder?

É Deus quem capacita as pessoas para o serviço. Se Ele tem dotado alguém para liderar, essa pessoa deve humildemente assumir e usar o dom da liderança para a glória de Deus. Nenhuma pessoa deve usar o dom para atrair a glória para ela mesma. Deus derrama os dons do Espírito, mas Ele espera que exercitemos nossos dons sob Sua direção. Creio que Deus provê oportunidades para liderança nos vários níveis, em tempos diferentes, e que devemos aproveitar as oportunidades que Deus nos apresenta. Também acredito que Deus deseja, em Seu próprio tempo, abrir outras portas para maiores papéis de liderança. O que Ele espera é fidelidade da nossa parte, onde quer que sejamos colocados.

Qual o senhor considera ser sua tarefa mais importante como líder da Igreja Adventista do Sétimo Dia?

Talvez a tarefa mais importante seja

ajudar os membros da igreja a compreender que essa igreja não é apenas mais uma denominação, mas um movimento profético, o movimento do advento. Somos a igreja remanescente de Deus, e nossa tarefa principal é proclamar as mensagens dos três anjos de Apocalipse 14. Nossa tarefa é altamente espiritual e nos convida a manter nossos olhos em Jesus Cristo e Sua Palavra. Também nos chama a orar humildemente pela chuva serôdia do Espírito Santo e a breve vinda de Cristo. De acordo com os livros de Daniel e Apocalipse, e também o livro *O Grande Conflito*, de Ellen G. White, estamos muito perto do fim do tempo. Devemos compreender quem somos e a missão que temos.

Que tipo de liderança pastoral o senhor acha que a igreja necessita para cumprir sua missão no século 21?

A igreja necessita de pastores que alimentem o rebanho com a Palavra de Deus, que invistam considerável tempo visitando os membros e os treinem para o ministério pessoal e evangelismo. Uma das maiores bênçãos que os pastores podem usufruir é ter uma visão para conquista de pessoas, visão que motive os irmãos a avançar sob a direção do Espírito Santo. Os membros de nossas igrejas não devem ser acostumados a depender somente do pastor, mas devem ser treinados a trabalhar, nutrir as igrejas, enquanto os pastores, unidos aos membros, proclamam a mensagem através do evangelismo.

Como igreja, que valores precisamos desenvolver a fim de que tenhamos êxito em nossa missão?

Necessitamos de humildade total diante do Senhor. Necessitamos de reavivamento e reforma, que virão mediante o estudo da Bíblia e do Espírito de Profecia, bem como através de intensa oração e dependência do Espírito Santo. Necessitamos de pessoas que se comprometam totalmente com o Senhor e Sua causa, pessoas que sejam tão gratas ao Senhor pela salvação,

que estejam dispostas a sacrificar tudo por Ele. Necessitamos de uma perfeita compreensão da Igreja Adventista do Sétimo Dia como movimento profético, e necessitamos de pessoas que creiam na Palavra de Deus, como está escrita, não impondo o método crítico-histórico na interpretação dela. A Bíblia interpreta-se a si mesma.

Qual é sua paixão? O que o move como líder?

Sou apaixonado por Cristo, Sua justiça e Seu grande plano de salvação. A salvação é um maravilhoso dom para todo aquele que

“Viver em total dependência do Espírito Santo abre os olhos do líder para onde Deus deseja levar a organização. Deus compartilhará plenamente Sua visão com o líder que estuda Sua Palavra”

a aceita. Sou apaixonado pela maravilhosa explicação da salvação por meio dos rituais do santuário. Sou apaixonado pela segunda vinda de Cristo e o que isso significa para o futuro. Sou apaixonado pelo plano de Deus para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, Sua igreja remanescente, enquanto ela proclama as três mensagens angélicas. Sou apaixonado pela autenticidade e relevância da Bíblia e do Espírito de Profecia. Sou apaixonado pela missão às grandes cidades, onde vivem mais de 50% da população do mundo. Finalmente, sou apaixonado pelo maravilhoso destino do movimento adventista.

Tem-se dito que, em relação à liderança, ser é mais importante que fazer. Fale sobre isso.

A liderança deve ser um saudável equilíbrio entre ser e fazer. A visão e os planos

do líder devem estar fundamentados na Bíblia e no Espírito de Profecia, se é que ele deseja ter êxito. Às vezes, o líder terá que ser paciente, pois os resultados nem sempre aparecem imediatamente. A verdade prevalecerá sempre. O líder deve inspirar, e isso acontece quando ele tem íntima comunhão com o Senhor. Acredito que é absolutamente vital que o líder dependa completamente de Jesus, em todo o tempo, clamando por sabedoria.

Que livros o senhor recomendaria para alguém que deseje saber mais sobre liderança cristã?

Além da Bíblia, meus livros favoritos são os de Ellen G. White. Eu recomendaria a todos os líderes a gastar mais tempo com a série “Conflito dos Séculos”, e livros como *Testemunhos Para Ministros*, o volume 9 dos *Testemunhos Para a Igreja*, *A Ciência do Bom Viver*, *Medicina e Salvação*, *Evangelismo*, *Caminho a Cristo* e *Parábolas de Jesus*. Quero enfatizar que a liderança cristã resulta mais da associação com os conselhos e a verdade de Deus, do que da assistência a seminários ou adoção de modernos

métodos de liderança, por mais necessários que sejam hoje. Entretanto, é altamente instrutivo para todo líder ouvir um pouco e ouvir como outros líderes administram as situações. Muito da educação em liderança pode ser adquirida por meio da observação e do processamento dessa observação através de reflexão e revisão, tendo como base os princípios bíblicos.

Que mensagem final o senhor gostaria de compartilhar com os leitores?

A verdadeira liderança espiritual resulta da comunhão com o Senhor, para ouvir Sua voz calma, serena, à medida que o líder progride nos desafios da liderança. Quando o líder cristão depender completamente do Senhor, verá mudanças incríveis e sobrenaturais que terão lugar para a glória de Deus. Nosso grande Deus dirigirá seus passos. 



Cortesia do autor

Esperança no **púlpito**



“A mensagem da segunda vinda aponta para o juízo que resulta em libertação para os santos”

Eu tinha uma imaginação fértil quando era criança. Talvez isso fosse porque eu era filho único até o nascimento de minha irmã nove anos depois. Eu imaginava que a vida seria agradável se eu tivesse irmãos e fôssemos bons em competições esportivas. De fato, eu devia ser o melhor de todos.

Minha imaginação incluía também assuntos espirituais. Isso começou quando, na Escola Sabatina, eu via quadros sobre a vida no Céu: brincar com animais selvagens,

sentar com outras crianças sorridentes junto a Jesus e ter uma casa construída para mim. Tive uma infância feliz, mas a vida pintada nesses quadros era muito superior ao que eu já havia experimentado.

A missão espacial Apollo, na qual homens aterrissaram na lua e andaram em sua superfície, também acendeu em mim um desejo de viajar no espaço para mundos desconhecidos. Era isso que eu esperava fazer quando Jesus viesse à Terra pela segunda vez. Pastores e evangelistas

falavam que a viagem para o Céu terá duração de sete dias; e eu me imaginava fluando para cima, sem gravidade, com entes queridos, anjos e Jesus. Eu ficava exultante ao saber que isso poderia acontecer logo, talvez antes mesmo que eu me tornasse adulto.

Perdendo o foco

Entretanto, antes que eu fizesse 20 anos, algo aconteceu. Minha imaginação fértil começou a se dissipar. Isso indubitavelmente

aconteceu por causa das demandas do Ensino Médio e da vida universitária. Mais importante, minha imaginação dissipada afetou o modo como eu via – ou nesse caso, como eu não via – a segunda vinda de Jesus. Eu era muito ocupado, lançando as bases de minha carreira ministerial. Olhando de volta a tudo isso, acho embaraçoso que eu estivesse me preparando para uma vida de serviço para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, porém, sem pensar muito na realidade do segundo advento.

Mas eu não fui o único a perder o foco da segunda vinda. Durante minha infância, ouvi sermões incontáveis que anunciavam a mensagem: “Jesus está vindo outra vez! Você está pronto para encontrá-Lo?” Porém, com o passar dos anos, passei a ouvir cada vez menos sobre a vinda de Jesus e cada vez mais sobre os “comos” da vida: como ter um casamento melhor, como controlar a ira, e uma série de outros temas valiosos. O fato de ouvir pouco sobre a vinda de Cristo me levou do *agora* para o *ainda não*.

Por que muitos de nós não pregamos sobre a *Parousia*, como fazíamos antes? Eu poderia dar algumas sugestões; mas elas poderiam parecer simplesmente anedóticas. Acaso tem a busca de riquezas nos infectado com “as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo” (Lc 21:34)? Achamos mais fácil pregar sobre as necessidades reais ou percebidas de nossas congregações? Temos nós, como pregadores, nos tornado ignorantes em nossa compreensão das profecias de Daniel e Apocalipse, achando mais conveniente pregar sobre assuntos que não requeiram mais exercício mental para compreender e compartilhar? Ou temos evitado pregar sobre a *Parousia*, porque ela trará fim ao nosso atual estilo de vida e prenuncia um juízo final para o qual muitos pregadores não se sentem preparados?

Recuperando o foco

Trinta anos atrás, no início de minha jornada ministerial, visualizei que seria o melhor pastor possível, cuidando do rebanho,

atendendo as necessidades das minhas três igrejas. Talvez, um dia a liderança da Associação me ordenasse. Eu tinha prioridades claras.

Trinta anos depois, com mais “ontens” em meu espelho retrovisor ministerial, esta questão surge sempre em minha mente: Deveria eu aproveitar melhor o tempo e pregar sobre a segunda vinda, como faziam os pregadores na minha infância?

Necessito fazer assim porque devo recuperar aqueles mesmos elementos espirituais da vívida imaginação que eu tinha quando era criança. A vida era simples, como devia ter sido. Mas em meio à complexidade da vida adulta no século 21, é fácil esquecer que Deus tem o presente em Suas mãos e nosso glorioso futuro sob Seu controle. É fácil cair na armadilha de querer ajustar tudo, para garantir que todas as coisas – nos âmbitos pessoal e profissional – aconteçam exatamente como acreditamos que deviam ser.

Faz bem pregar sobre a segunda vinda, porque isso serve como antídoto contra o vírus da “orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo”. A promessa da vinda de Cristo lembra-me de que “o mundo passa, bem como a sua concupiscência” (1Jo 2:17), e que “o Deus do Céu suscitará um reino que não será jamais destruído; este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre” (Dn 2:44).

Os pastores devem pregar sobre a segunda vinda porque essa mensagem aponta para o juízo que resulta em libertação para os santos. João escreveu Apocalipse 22:7-11 no contexto da iminente vinda de Jesus, e concluiu com estas palavras: “Disse-me ainda: ‘Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo. Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se’” (v. 10, 11). Quando eu prego sobre a segunda vinda, sou constantemente lembrado de que o Deus de amor quer me julgar como digno

de viver eternamente com Ele, porque eu permiti que Ele vivesse em mim e através de mim. Quando pregamos sobre a *Parousia*, isso deveria nos incentivar, bem como aqueles que nos ouvem, a buscar santidade (2Pe 3:10-13).

Estimulando o foco

Quando aprofundamos nosso compromisso de pregar sobre a segunda vinda, necessitamos inspirar as pessoas com uma visão do *ainda não*; e ao fazer assim, necessitamos ser fiéis ao texto, permitindo que ele fale de seu contexto de vida no contexto do século 21. Os pastores servem como residentes teólogos em suas congregações; e uma das responsabilidades-chave é preservar o fato de que a Bíblia é sua própria intérprete, especialmente quando isso ajuda as pessoas a compreender as várias questões relacionadas à segunda vinda.

Quão próximo é “próximo”? Uma das maiores perguntas que gerações de cristãos têm feito é: “O que está levando Jesus a demorar para vir?” Por dois mil anos, os cristãos têm crido no iminente retorno de Jesus. Paulo acreditava que muitos em sua geração estariam vivos quando Jesus viesse. Quando os cristãos de Tessalônica viram seus entes queridos morrerem, Paulo, ao ouvir das preocupações deles, confortou-os com a promessa da futura ressurreição (1Ts 4:13-16). Porém, ele cria que alguns – incluindo ele mesmo – estariam vivos para testemunhar a segunda vinda. Alguns anos depois, ao escrever à igreja de Corinto, ele ainda tinha o mesmo conceito (1Co 15:51). Se essa noção era enganosa, como o apóstolo pôde ter cometido esse engano? Certamente, ele estava a par do que Jesus havia ensinado aos doze sobre Sua vinda.

Ao abordar a pergunta dos discípulos sobre os sinais de Sua vinda e do fim do mundo (Mt 24:3), Jesus falou extensivamente sobre muitas coisas para as quais eles deviam atentar. Durante o discurso, Ele incentivou os discípulos a aprender a lição dos ramos e folhas da figueira. O brotar das folhas assinala a chegada do verão

(v. 32). Semelhantemente, Jesus continuou (referindo-Se à Sua vinda): “quando virdes todas estas coisas, sabeis que está próximo, às portas” (v. 33). Uma grande confusão poderia surgir, por causa do verso 34: “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça.”

Muito depois do martírio de Paulo, João, o revelador, compartilhou as palavras da Testemunha fiel e verdadeira: “Eis que venho sem demora” (Ap 22:7, 12, 20). Então, como devemos entender o conceito de *próximo e breve*? A palavra traduzida como “breve” é o termo grego *tachu*, do qual é derivada a palavra “taquicardia”. Essa, por sua vez, origina-se do grego, livremente traduzido “coração rápido”, ou “coração ligeiro”. Embora o nível de estímulo do coração seja o mais notável resultado de sua condição, sua natureza assintomática soa como alarme potencial. Nunca se sabe quando ocorrerá a taquicardia. Ela simplesmente acontece!

Necessitamos expressar o conceito bíblico de que a proximidade da vinda de Cristo reflete um evento que acontece subitamente. Como um *flash*. Paulo empregou o conceito de “ladrão de noite” (1Ts 5:2) para expressar a natureza da vinda de Cristo. De fato, no verso 3, ele usa a palavra “repentina” para descrever o dia do Senhor e seus eventos associados.

Poderia ser que nosso uso do termo *breve*, embora bem-intencionado, sirva para incentivar o estabelecimento de datas para descrever melhor o iminente retorno de Cristo? Poderia tal uso também involuntário desencorajar pessoas quanto ao preparo apropriado para a segunda vinda, considerando que elas têm ouvido sobre esse *breve retorno*, ano após ano? Focalizar a natureza iminente de Sua vinda me anima a estar preparado, “porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá” (Mt 24:44).

Como estar preparado? Nunca devíamos pregar Mateus 24 sem também pregar Mateus 25. O primeiro nos fala sobre a vinda de Jesus; o segundo nos diz como nos preparar.

Ao dar as instruções sobre preparo, Jesus compartilhou três parábolas bem conhecidas. A parábola das dez virgens fala do preparo para a vinda do Noivo e termina com o seguinte conselho: “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” (Mt 25:13). A parábola dos talentos fala sobre o uso do que nos tem sido confiado, não para nós mesmos, mas sabiamente e olhando para o futuro. A parábola das ovelhas e dos bodes fala sobre nossa responsabilidade com outros, revelando que as dimensões horizontais da vida são tão importantes quanto as dimensões verticais. Jesus liga nosso dever para com outros à aptidão para Seu reino eterno (v. 34-40).

Frequentemente focalizamos a oração e o estudo da Bíblia como elementos essenciais para o desenvolvimento do caráter. Porém, Jesus ensina claramente que nosso relacionamento altruísta e desinteressado com os pobres, excluídos e rejeitados é o resultado prático do tempo gasto em comunhão com Deus. Em outras palavras, Jesus está voltando para aqueles que andam com Ele e aqueles aos quais Se referiu como Seus “pequenos irmãos” (v. 40).

Pedro, a exemplo de Paulo, também se referiu àqueles que perguntavam se Jesus voltaria (2Pe 3:4). Ele sabia que o conceito de tempo à vista dos mortais difere grandemente do da Divindade (v. 8). Então, ele compartilhou uma razão para a demora, apontando a paciência divina (v. 9).

Mas a paciência divina não deve ser considerada como se Deus fosse alguém que praticasse universalismo. A paciência divina deve estar junto à prontidão humana. Devemos viver “em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do dia de Deus” (v. 11, 12).

Mas, como devemos “apressar” Sua vinda? O verbo grego empregado tem a conotação de “esforçar” por alguma coisa.¹ Nossa responsabilidade, como pregadores, é exortar os ouvintes (incluindo nós mesmos) a viver os mandamentos e princípios de Mateus 24, 25, não apenas o que foi anteriormente mencionado à luz das três

parábolas, mas também proclamar o evangelho a todos os grupos de pessoas (Mt 24:14). Devemos ter em mente que “como as estrelas no vasto circuito de sua indicada órbita, os desígnios de Deus não conhecem adiantamento nem tardança”.²

Restaurando o foco

Finalmente, necessitamos captar para nossos ouvintes a visão do que Jesus está preparando para nós. Foi isso o que Ele fez para os Seus desanimados discípulos. Depois de predizer Sua traição e partida iminente (Jo 13:21, 36), Jesus apontou-lhes sua realidade futura. “Na casa de Meu Pai há muitas moradas... vou preparar-vos lugar. E, quando Eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, estejais vós também” (Jo 14:2, 3).

Aqueles que frequentam nossas igrejas precisam ser lembrados de que Jesus está vindo outra vez, e que Sua vinda é certa e iminente. Eles necessitam ver a glória de Sua vinda (Ap 1:7). Necessitam ouvir o som de trombeta anunciando a aproximação dos anjos “os quais reúnem os Seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mt 24:31). Eles precisam saber que serão reunidos com seus entes queridos que, naquele dia, ressuscitarão (1Ts 4:16) e que serão libertos de todos os traços de doença (1Co 15:52, 53). Eles precisam cantar e bradar um dia: “Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus, porquanto verdadeiros e justos são os Seus juízos” (Ap 19:1, 2). “Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-poderoso” (v. 6).³

De fato, eles e nós precisamos da imaginação fértil de uma criança. **M**

Referências:

¹ F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* 2ª. ed. (Chicago: University of Chicago Press, 1979), p. 762.

² Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 32.

³ Para um quadro infinitamente mais brilhante e melhor do que eu tento pintar, veja Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 635-652.



Implicações de uma longa espera

Como harmonizar as tensões entre a proclamada iminência e a aparente demora da vinda de Jesus

Anos atrás, ao voltar de uma longa viagem, fui calorosamente recebido por minha família, exceto por William, meu filho menor. Minha esposa explicou que, durante minha ausência, ele sentiu minha falta e até ficou doente. Por isso, estava se escondendo de mim. Mas isso durou pouco tempo. Com o entusiasmo recuperado, ele me disse: “Pai, já sei o que vou ser quando crescer! Serei piloto e teremos nosso avião. Assim, viajaremos juntos e estarei com você onde você for”. A ideia de William partiu meu coração, mas refletia seu forte desejo de estarmos sempre juntos como família.

O movimento adventista é uma família espiritual mundial (cf. Ef 2:19) que sente falta da presença física de Jesus e espera Sua vinda. Durante o ministério terrestre de Cristo, os discípulos Lhe pediram: “Dize-nos quando serão estas coisas e que sinal haverá da Tua vinda e da consumação do século” (Mt 24:3). Antes da ascensão, os discípulos novamente O abordaram: “Senhor, será este o tempo em que restaures

o reino a Israel?” (At 1:6). Cerca de dois mil anos passaram, e Jesus ainda não veio.

Expectativa iminente

O Novo Testamento fala da literal e visível segunda vinda de Cristo a ocorrer num futuro *próximo*, mas *não tão próximo*. Da perspectiva “próximo”, Cristo afirmou: “não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do homem” (Mt 10:23); “alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do homem no Seu reino” (Mt 16:28; cf. 1Pe 1:16-18); “não passará esta geração, sem que tudo isto aconteça” (Lc 21:32); e “Certamente, venho sem demora” (Ap 22:20). O apóstolo Paulo refletiu a mesma visão na expressão inclusiva “nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor” (1Ts 4:15).

Da perspectiva *não tão próximo*, Jesus mencionou alguns sinais do fim, e advertiu: “mas ainda não é o fim” (Mt 24:4-6). A isso, ele acrescentou: “E será pregado

este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (v. 14). No mesmo tom, Paulo afirmou que a segunda vinda não ocorreria antes da grande “apostasia” e a manifestação do “homem da iniquidade, o filho da perdição” (2Ts 1-12).

Muitos eruditos têm tentado resolver a tensão entre esses dois tipos de declarações sobre a segunda vinda e o estabelecimento do reino de Deus. Johannes Weiss e Albert Schweitzer propuseram um tipo de escatologia *frustrada*. Estabelecendo que “não há fases” da vinda do reino de Deus, Weiss argumentou em 1892 que “em algum período inicial de Seu ministério Jesus acreditou que a vinda do reino mais cedo que tarde era o caso”. Assim, “sob a pressão de certas circunstâncias, Jesus Se tornou convencido de que o fim havia sido adiado”!

Na mesma linha de pensamento, Schweitzer sugeriu em 1906 que a expectativa messiânica inicial de Jesus era que Ele logo seria “sobrenaturalmente removido e transformado”, e então “revelado

como Filho do homem” na *Parousia*. Mas o não cumprimento da promessa de Mateus 10:23 frustrou Seus planos e se tornou “o primeiro adiamento da *Parousia*”. Para Schweitzer, toda a história do cristianismo “está fundamentada na demora da *Parousia*, o abandono da escatologia, o progresso e o fim da ‘desescatologização’ da religião a ela ligada”.²

Por contraste, C. H. Dodd defendeu uma escatologia *compreendida*, argumentando em 1936 que o conteúdo da mensagem de Jesus não foi a futura vinda e um reino futuro, mas um reino que já havia chegado.³

Evitando essas perspectivas unilaterais, Geerhardus Vos e George E. Laa argumentaram em favor de uma perspicaz escatologia *já e ainda não*, implicando que o reino de Deus já está presente, mas não plenamente instaurado. Em 1930, Vos sugeriu que “o mundo porvir” já está “realizado em princípio” e coincide com “esta era ou mundo”, da ressurreição de Cristo à *Parousia*.⁴ Para Ladd, “no coração da missão de Jesus havia uma luta espiritual com os poderes do mal. Na pessoa e missão de Jesus, o reino de Deus devia conquistar o reino de Satanás”, em tal extensão que “a morte de Jesus é um ato de Satanás e um ato no qual Ele vence o inimigo”. Assim, o tempo entre a ressurreição de Cristo e Sua *Parousia* é “um tempo que sobrepoê duas eras”.⁵

De volta a 1888, Ellen G. White enfatizou uma dupla compreensão do reino de Deus, ao dizer que a expressão “reino de Deus” é empregada na Bíblia para designar o reino da graça e o reino da glória. A proclamação: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo” (Mc 1:15) referia-se ao reino da graça, “estabelecido na morte de Cristo” e caracterizado pela “atuação da graça divina no coração dos homens”. Mas o reino da glória (Mt 25:31, 32) ainda está no futuro e não será instalado antes da segunda vinda de Cristo.⁶ Assim, os filhos de Deus ainda estão no mundo sem ser do mundo (Jo 17:14-16). Em Cristo, eles já habitam “nos

lugares celestiais” (Ef 2:6)⁷ e experimentam “os poderes do mundo vindouro” (Hb 6:4; cf; 2Co 5:17; Gl 1:4; Cl 1:13, 14).

Mas, se o reino da graça foi estabelecido logo após a morte de Cristo, no meio da 70ª semana de Daniel 9:24-27 (cf. Gl 4:4), podemos nós falar de demora da segunda vinda e, conseqüentemente, do estabelecimento do reino da glória?

O dilema da demora

A Bíblia diz que em Deus não há “variação ou sombra de mudança” (Tg 1:17), e que Seu propósito prevalece sempre (Pv 19:21) e não pode ser “frustrado” (Jó 42:2). A respeito da segunda vinda,

“Não retarda o Senhor a Sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, Ele é longânimo para conosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento”

Cristo mesmo estabeleceu que Deus, o Pai, sabe o “dia e hora” em que esse evento terá lugar. Ellen G. White afirma: “Mas, como as estrelas no vasto circuito de sua indicada órbita, os desígnios de Deus não conhecem adiantamento nem tardança.”⁸

Por outro lado, somos confrontados com a noção de “demora” da segunda vinda. Na parábola das virgens sábias e loucas, Cristo declarou que “e tardando [do grego *chronizontos*] o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram” (Mt 25:5). Comentando sobre 2 Tessalonicenses 2:3 (“porque isso não acontecerá sem que...”), Ellen G. White escreveu que a segunda vinda “não poderia ocorrer antes” do fim dos 1.260 dias/anos em 1798.⁹ Mas no fim dos

anos 1860, ela falou sobre uma real demora da segunda vinda e até apresentou razões básicas para isso.¹⁰

Têm havido diferentes tentativas para resolver essa tensão. Com ênfase no esforço humano, os adventistas eventualmente se tornaram convencidos de que a segunda vinda é um evento que ocorrerá apenas quando a mensagem adventista for pregada em todo o mundo (Mt 24:14; Ap 14:6, 7).¹¹ Mas alguns autores têm subscrito o assim chamado princípio de colheita, sugerindo que a segunda vinda terá lugar somente quando o povo de Deus alcançar o estágio de perfeição completa.¹²

Olhando mais a partir da perspectiva divina, vários autores creem que não há demora real da segunda vinda. Por exemplo, no livro *The Apparent Delay*, Arnold V. Wallenkampf argumenta: “Ao dizer que Deus adia a segunda vinda de Seu Filho por causa de nossa frivolidade, nós o destituímos de Sua presciência e onisciência. Assim fazendo, rebaixamos nosso Deus a nosso nível.”¹³ Mário Veloso sugeriu que somente haveria demora se Cristo “tivesse anunciado o tempo de Sua vinda” e se não mais houvesse eventos históricos para se manifestar antes de Seu aparecimento.¹⁴

Ao tratar com as duas perspectivas, Ralph E. Neall admitiu se sentir desconfortável com a tentativa de harmonizar a tensão nos escritos de Ellen G. White sobre o assunto, “exceto talvez por sugerir que o tempo do fim é fixado do ponto de vista de Deus, mas a demora, no dos homens”.¹⁵ Ao estudar esses escritos, Neall compreendeu que no pensamento da escritora “o Senhor está esperando que a igreja finalize a proclamação das três mensagens angélicas, junto ao seu ensino paralelo de que a igreja deve proclamar a mensagem porque o Senhor logo vem”.¹⁶

Deveríamos simplesmente viver com essa tensão não resolvida, ou existe alguma coisa que possa iluminar esse assunto complexo?

Presciência divina

Fundamental para toda essa discussão é a interação entre liberdade humana e presciência divina.¹⁷ Os que acreditam que a presciência divina é causativa normalmente também aceitam a predestinação dupla e terminam negando qualquer demora da segunda vinda. Os que aceitam o processo da teologia tendem também a crer que a presciência de Deus é causativa, mas esses provêm lugar para o livre-arbítrio humano ao negar que Deus realmente sabe o futuro das decisões humanas, mas apenas as possibilidades.¹⁸ Entretanto, se concordarmos que a presciência de Deus é absoluta mas não causativa,¹⁹ então haverá lugar para uma demora desse evento.

De acordo com Siegfried J. Schwantes, “a visão bíblica da História rejeita o determinismo casual como enfraquecendo a responsabilidade pessoal”.²⁰ Na Bíblia, há uma interação constante entre a soberania de Deus e a responsabilidade moral do ser humano por suas próprias ações. Deus mesmo “alterou os detalhes de Seus planos por causa da perversidade humana e algumas vezes por causa de seu arrependimento”,²¹ como bem ilustrado nos casos do Dilúvio (Gn 6:1-8) e Nínive (Jn 3). Mas nenhum ajuste temporal e local pode tomar Deus de surpresa ou frustrar Seus últimos objetivos (cf. Dn 4:32).

A noção de que a presciência divina é absoluta e não causativa significa que “as livres ações não têm lugar porque elas são previstas, mas elas são previstas porque devem ter lugar”.²² De uma perspectiva mais prática, Deus sabe se eu serei salvo ou se estarei perdido, e ainda assim, sou livre para escolher meu próprio destino. Assim, Deus sabe exatamente quando Cristo virá, embora o tempo em que esse evento ocorrerá seja, pelo menos parcialmente, dependente do comportamento e da ação humana. “Não retarda o Senhor a Sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça,

senão que todos cheguem ao arrependimento” (2Pe 3:9).

Harmonizando tensões

A precedente discussão sugere que a tensão entre as várias declarações do Novo Testamento sobre o reino de Deus pode ser harmonizada pelos conceitos *já e ainda não* e a visão dupla de um presente reino da graça que precede o futuro reino de glória. A tensão entre o fato de que Deus sabe o tempo da vinda de Jesus e a demora desse evento pode ser sincronizada pela noção de que a presciência de Deus é absoluta, mas não causativa. Contudo, alguém ainda pode perguntar por que essas tensões foram deixadas no Novo Testamento. A Bíblia não poderia ser mais explícita sobre essas questões?

Devemos compreender que “algumas passagens da Escritura nunca serão perfeitamente compreendidas até que, na vida futura, Cristo as explique”,²³ e que nossa natureza pecaminosa limita nossa compreensão da verdade (Jo 16:12). Em Seus ensinamentos, Cristo buscou encorajar e preparar Seus discípulos para o futuro, sem enganá-los “com falsas esperanças”.²⁴ É-nos dito que, enquanto respondia à inquietude dos discípulos: “Dize-nos quando serão estas coisas [a destruição de Jerusalém] e que sinal haverá da Tua vinda e da consumação do século”, Jesus “misturou a descrição desses dois eventos, de modo a não desencorajá-los”.²⁵

A esperança bíblica está ancorada em um diálogo entre a escatologia do mundo (v. 29-31) e a escatologia da vida de uma pessoa (Hb 9:27). Cristo não apenas advertiu: “Vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor” (Mt 24:42), mas contrastou o servo fiel que espera o iminente retorno de seu senhor (v. 43-47) com o servo negligente que diz: “Meu senhor demora-se” (v. 49-51). Essa bendita esperança tem alentado corações em gerações passadas e deve fazer a mesma coisa em nós. Assim como meu filho esperou por mim, também nós devemos esperar pela vinda do Mestre. **M**

Referências:

- ¹ Johannes Weiss, *Jesus' Proclamation of the Kingdom of God*, eds. Richard H. Hiers and D. Larrimore Holland (Philadelphia: PA: Fortress, 1971), p. 73, 85, 86.
- ² Albert Schweitzer, *The Quest of the Historical Jesus* (Mineola, NY: Dover, 2005), p. 356-358, 363.
- ³ C. H. Dodd, *The Apostolic Preaching and its Development* (Chicago: Willett, Clark, 1937), p. 142-149.
- ⁴ Geerhardus Vos, *The Pauline Eschatology* (Phillipsburg, NJ: P&R, 1994), p. 38, 39.
- ⁵ George Ladd, *A Theology of the New Testament* (Cambridge: Lutterworth, 1994), p. 66, 67, 192, 713.
- ⁶ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 346, 347.
- ⁷ Ver Camilo Martines, *Davarlogos 2*, nº 1 (2003), p. 29-45.
- ⁸ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 32.
- ⁹ _____, *O Grande Conflito*, p. 356.
- ¹⁰ _____, *Evangelismo*, p. 694-697.
- ¹¹ P. Gerard Damsteegt, *Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977), p. 271-293.
- ¹² Herbert E. Douglass, *Perfection: The Impossible Possibility* (Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1975), p. 9-56; C. Mervyn Maxwell, em *The Impossible Possibility*, p. 137-200; Herbert E. Douglass, *Why Jesus Waits* (Washington, DC: Review and Herald, 1976).
- ¹³ Arnold V. Wallenkampf, *The Apparent Delay: What Role do we Play in the Timing of Jesus' Return?* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1994), p. 91, 92.
- ¹⁴ Mario Veloso, *Ministry*, dezembro 1996, p. 6-8.
- ¹⁵ Ralph E. Neall, “The Nearness and the Delay of the Parousia in the Writings of Ellen G. White” (Dissertação de PhD, Andrews University, 1982), p. 246.
- ¹⁶ Ralph E. Neall, *How Long, O Lord?* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1988), p. 114.
- ¹⁷ Ver James K. Beilby, *Divine Foreknowledge: Four Views* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001), p. 32.
- ¹⁸ Clark Pinnock, *The Openness of God* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1994), p. 32.
- ¹⁹ Steven C. Roy, *How Much Does God Foreknow?* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2006), p. 32.
- ²⁰ Siegfried J. Schwantes, *The Biblical Meaning of History* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1970), p. 32.
- ²¹ George E. Shankel, *God and Man in History* (Nashville, TN: Southern Pub. Ass., 1967), p. 205.
- ²² Augustus H. Strong, *Systematic Theology* (Valley Forge, PA: Judson Press, 1907), p. 286.
- ²³ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 312.
- ²⁴ _____, *Atos dos Apóstolos*, p. 21.
- ²⁵ _____, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 628.



Gentileza do autor

A última geração

Quem somos nós, à luz da esperança do advento

Como cristão adventista, desejo ver Jesus; e creio que Ele virá pessoalmente. Agora, em meus 60 anos, firme na crença de que a morte será apenas um descanso até que Ele venha, meu desejo pela iminência de Sua vinda continua. Meu anseio pelo fim do pecado e do sofrimento que destrói vidas na Terra somente tem aumentado com o passar dos anos.

O termo “última geração” evoca diferentes imagens mentais. Para alguns, a expressão apresenta a incapacidade da Terra para sustentar infinitamente a vida. Para outros, a devastadora destruição da guerra nuclear. E ainda para outros, uma calamidade cósmica iminente. Para aqueles que antecipam a vinda de Cristo, essas medrosas predições são, elas mesmas, afirmações da vinda de Cristo, e eles mantêm a esperança de estar entre a última geração.

Promessas

À semelhança de muitos outros, costumo revisar as promessas da vinda de Jesus. “Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, Eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando Eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, estejais vós também” (Jo 14:2, 3). “Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao Céu virá

do modo como O vistes subir” (At 1:11). Os primeiros crentes em Cristo foram confortados com promessas como esta:

“Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1Co 15:51-55).

Acredito ser útil repetir essas e muitas outras passagens bíblicas familiares que proclamam a vinda de nosso Senhor: 2 Tesalonicenses 1:10; 1 Coríntios 3:13; Apocalipse 22:7. A bendita esperança (Tt 2:13) é vital à minha fé e a de muitas outras pessoas que compartilham crenças cristãs bíblicamente fundamentadas. Não tenho dificuldade em confessar que, às vezes, as preocupações seculares, os desapontamentos, sofrimentos, ou a pecaminosidade do mundo agridem minha confiança nas promessas da segunda vinda de Jesus.

Em tais ocasiões, o Espírito Santo usa esses textos inspirados para conservar viva em meu coração a bendita esperança. Todos nós, discípulos de Jesus Cristo, devemos reforçar nossa bendita esperança com a garantia das Escrituras.

O fator tempo

O tempo é um problema para nós. Temos esperado, e nossa esperança da vinda de Cristo tem passado da expectativa para o desapontamento. Lembro-me do lamento de um fiel tio meu que experimentou a grande depressão americana nos anos 1930, a segunda guerra mundial, temores de guerra nuclear nos tempos da guerra fria e calamidades incontáveis. Ele dedicou a vida ao serviço cristão, mas no fim se dizia quase desiludido; a crença na vinda de Cristo lhe parecia uma esperança vã. Para alguns, a resposta à espera tem sido apoderar-se de alguns meios para controlar o momento determinado da vinda de Jesus, como se pudéssemos, por meio de algum esforço próprio, nos tornar a última geração. Em vez disso deveriam se submeter à Sua providência.

Nós somos um pouco iguais aos desapontados discípulos de Jesus, que alimentaram a ideia de restauração da glória de Israel em seus dias. O relato feito por Ellen G. White sobre a confusão deles

revela que Jesus tentou nutrir o desejo deles pelo reino incentivando-os a confiar em Sua providência: “Para animá-los, fez a promessa: ‘Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no Seu reino’ (Mt 16:27, 28). Mas os discípulos não entenderam Suas palavras. A glória parecia muito distante. Tinham os olhos fixos na visão mais próxima – a vida terrena de pobreza, humilhação e sofrimento. Deverá ser abandonada sua brilhante expectativa do reino do Messias?”¹

Como deveríamos nos referir à nossa esperança? Esperar cria tensão. Essa tensão é positiva e necessária. Ela nos desafia a exercitar fé, enquanto vivemos como bons mordomos (Mt 24:45-51) no tempo presente, ativa e alegremente cuidando de Seus negócios. Aparentemente, Jesus reconheceu e alimentou essa tensão, providenciando sinais que toda geração tem observado como arautos de Sua vinda.

Sinais

Desde minha infância, eventos no mundo natural e ocorrências na sociedade têm sido notados como sinais da breve vinda de Cristo. Esses eventos têm sido uma fonte de encorajamento em algum sentido. Professores da Escola Sabatina, pastores, evangelistas e minha mãe descreviam os desastres naturais, importantes acontecimentos políticos e religiosos, e o aumento do conhecimento em nossa sociedade como sinais da breve vinda de Jesus. Embora esses sinais às vezes estejam no contexto do sofrimento humano, as palavras de Jesus servem para nos lembrar de que Ele está vindo para colocar um fim a esta era.

Reconhecer esses eventos como sinais não é apenas um pensamento desejável. Jesus ensinou que eles são sinais de Sua vinda: “guerras e rumores de guerras”; “fomes e terremotos em vários lugares”; “falsos profetas e enganarão a muitos”;

“por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos”; “e será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mt 24:6, 7, 11, 12, 14). Essas e muitas outras referências bíblicas a sinais na Terra ou na expansão do firmamento afirmam e criam um sentido de iminência do retorno de Cristo enquanto passam os anos.

Mas o tempo tem se tornado um problema para nós. A reflexão sobre a redundância desses sinais, enquanto os anos passavam, levou-me a examinar a urgência das minhas esperanças à luz da providência

“A mensagem da última geração é o amor de Deus, Sua graça, Seu poder redentor, o chamado para servir como fiéis mordomos de Seus negócios no tempo presente, e alegria na promessa de Sua vinda”

de Deus. Jesus nos advertiu de que há um tempo determinado que nós não conhecemos. “Vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim”; “tudo isso é o princípio das dores”; “aquele que perseverar até o fim, esse será salvo”. “Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor” (Mt 24:6, 8, 13, 42). Os cristãos de Tessalônica foram aconselhados a esperar, mas sem identificar o dia da vinda de Cristo (2Ts 2). Aparentemente, Jesus tencionou que nos lembremos diariamente da promessa de Sua vinda, e confiemos em Sua providência enquanto cuidamos de Seus negócios – o mundo e seus cidadãos, os quais Ele apaixonadamente deseja redimir.

Tensão teológica

Ellen G. White escreveu: “Mas o dia e hora de Sua vinda não foram revelados. Jesus declarou positivamente a Seus discípulos que Ele próprio não podia dar a conhecer o dia ou a hora de Sua segunda vinda. [...] O tempo exato da segunda vinda do Filho do homem é mistério de Deus.”²

No início de meu pastorado, compreendi a importância de nutrir a bendita esperança e evitar o sensacionalismo. Gerações de cristãos têm esperado ansiosamente. Nessa esperança, as pessoas podem ser manipuladas pelo ir e vir dos acontecimentos. Alguns se tornam habilidosos na manipulação desses eventos. As notícias do dia podem ser anunciadas como última advertência, e o temor pode encher os bancos vazios das igrejas.

Certamente, Deus deseja que nos firmemos em Sua promessa. Devemos refletir constantemente sobre Sua Palavra. Entretanto, podemos fazer sensacionalismo de todo terremoto, toda erupção da violência humana e todo evento político ou religioso que chame a atenção. Nossa necessidade é afirmar a inspiração da Escritura, proclamar o evangelho, magnificar o amor de Deus, de modo que a recorrência desses sinais sirva como lembrança de que nosso Senhor prometeu vir e virá.

Acaso, esse cuidado ameaça à nossa fé? Não. Ninguém deve ir a Cristo pelo temor. Estou convencido pelo testemunho da Escritura e pelos anos de trabalho com pessoas, que só o amor verdadeiramente atrai pessoas a Cristo e o amor tem maior poder que o temor. “A esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado” (Rm 5:5). “Deus prova o Seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (v. 8). “E, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos,

qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus” (Ef 3:17-19). O amor santifica: “Pois o amor de Cristo nos constringe, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E Ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Co 5:14, 15).

Se recebida, essa advertência sobre como devemos considerar os sinais da vinda de Cristo fortalecerá nossa igreja e sua missão. Não sabemos quando Cristo virá (Mt 24:44) nem devemos saber. Creio que Ele virá em breve, e os sinais me animam a crer, assim como minha avó também acreditava. E se nós ainda estivermos aqui na Terra daqui a cem anos, espero que meus netos tenham entesourado essa crença também. Eles devem considerar os sinais da vinda de Cristo. Mas se as mensagens sensacionalistas forem substituídas da cuidadosa exegese da Palavra, essa esperança será ofuscada.

Missão e transformação

Depois de anos servindo à igreja de Deus, minha observação é que a fiel mordomia com a esperançosa expectativa produz o controle do nosso anseio. A transição é sutil, vestida em linguagem espiritual, mas humana em sua natureza. Somos inclinados a crer que influenciemos o tempo determinado da vinda de Cristo, acreditando que a temos retardado ou podemos apressá-la. Vestido em tons religiosos, esse pensamento provê o controle de que necessitamos.

Da crença de que Sua vinda está tão próxima, que devemos ser a última geração, somos levados a crer que podemos nos tornar, por nossos próprios esforços, a última geração. Determinamos dentro de nós mesmos ser um povo de qualidade especial, distinto como o mundo jamais conheceu, ajustado para a vinda de Cristo. Oramos por essa transformação. Ser mais semelhantes a Cristo é o desejo do nosso coração. Quanto

mais tempo seguimos Jesus, mais essa obra de transformação será experimentada: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na Sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2Co 3:18). A exegese do texto sugere Paulo refletindo a justiça de Cristo e, ao mesmo tempo, experimentando contínua e progressiva transformação provida pelo Espírito Santo. Nada no texto sugere que essa obra tem um ponto final.

Corretamente entendida, a contínua obra transformadora do Espírito Santo nos ajuda a compreender a missão da igreja, o chamado para reunir um povo que se torne mais e mais semelhante a Jesus enquanto espera o dia de Sua vinda. Conforme escreveu Ellen G. White, “houvesse a igreja de Cristo feito a obra que Lhe era designada, como Ele ordenou, o mundo inteiro haveria sido antes advertido, e o Senhor Jesus teria vindo à Terra em poder e grande glória”.³

No mesmo contexto, ela diz: “Dando o evangelho ao mundo, está em nosso poder apressar a volta de nosso Senhor.”⁴ O contexto do comentário é uma reflexão sobre o propósito de Deus para a missão da igreja. Não devemos cumprir nossa missão apenas pela emissão de avisos, mas levando pessoas a Jesus. Ela ressalta a missão em que a igreja deve se engajar e sugere que o fim da História poderia ter sido antes do nosso tempo, tivesse o trabalho sido fielmente realizado. Ao examinarmos esse pensamento, alguns pontos são dignos de nota: (1) Isso se refere a um sinal – a pregação mundial do evangelho. (2) Os pensamentos não são construídos como uma referência a uma suposta natureza espiritual superior do povo de Deus. (3) Não há referência à condição moral humana como sendo determinante. O pensamento de Ellen G. White reflete sobre o chamado à missão.

Jesus está vindo

É imperioso notar, e importante repetir, que os pensamentos anteriormente

mencionados correspondem ao chamado de Jesus aos discípulos para engajamento na missão. Esperar pela vinda de Jesus significa cuidar de Seus negócios, compartilhando o evangelho e Seu amor. Esperar não significa inércia nem foco no próprio eu. Jesus nos chamou para sermos abnegados servidores da igreja, enquanto esperamos.

A crença de que somos a última geração por causa de nosso desempenho espiritual nos leva a focalizar em nós mesmos. Isso nos leva ao moralismo e perfeccionismo como fins em si mesmos e substitutos da fé e da humilde proclamação da graça de Deus. O relacionamento vital da fé com a vida transformada pode ser perdido. A mensagem da última geração é o amor de Deus, Sua graça, Seu poder redentor, o chamado para servir como fiéis mordomos de Seus negócios no tempo presente, e alegria na promessa de Sua vinda.

Espero fazer parte da última geração. Você também deseja? Essa última geração pode ser a nossa, ou alguma geração futura. Não sabemos quando Ele virá, nem precisamos saber. Ele virá quando menos esperarmos (Mt 24:44). As condições na Terra indicam que o segundo advento está próximo. Poderia ser hoje? Essa pergunta cria alguma tensão? Prevemos um tempo de angústia como nunca houve (Mc 13:19), embora entendamos que, para muitos dos filhos de Deus, esse tempo é agora. A última geração pode ser surpreendida por Seu aparecimento!

Isto nós sabemos: Jesus está vindo. O tempo não é problema para Deus. Os remidos Lhe darão glória e boas-vindas, com alegria, no tempo determinado por Ele. Enquanto isso não ocorre, cuidemos dos negócios do nosso Pai! 

Referências:

¹ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 418.

² *Ibid.*, p. 632, 633.

³ *Ibid.*, p. 633, 634.

⁴ *Ibid.*, p. 633.



Cortesia do autor

Dimensões da escatologia

Os eventos escatológicos têm duplo caráter de cumprimento: em Cristo e na História

Escatologia é o estudo dos eventos finais da História. A palavra deriva dos termos gregos *éschatos* (final, extremo, último), e *logia* (estudo, doutrina). O emprego de *éschatos échein* (estar no fim, “nas últimas”; “minha filhinha está à morte” – Mt 5:23) lembra-nos de que, teologicamente, escatologia pressupõe dois modos de análise: (1) global ou universal, os últimos acontecimentos da História, e (2) individual, os últimos fatos ligados ao decurso da vida, que culminam com a morte. Como adventistas, nossa ênfase se volta ao sentido global de escatologia.

Os sinais da vinda de Jesus são de natureza escatológica, pois indicam a proximidade do evento que introduzirá a etapa final do processo de extinção deste velho mundo de pecado, para dar lugar à “nova Terra” (Ap 21:1). Esses sinais incluem a pregação, em todo o mundo, da verdade presente para os últimos dias, a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14:6-12. Tão logo essa gigantesca tarefa seja concluída, a porta da graça se fechará permanentemente, e Jesus retornará em glória e majestade. Assim, esses sinais marcam a proximidade do fim da História, justamente do que trata a escatologia.

Após a segunda vinda de Jesus, transcorrerá o milênio (Ap 20:1-3), no fim do qual a consumação de todas as coisas terá lugar (2Pe 3:7, 10, 12).

O último livro do Novo Testamento descreve esse quadro com apenas oito palavras: “desceu, porém, fogo do Céu e os consumiu” (Ap 20:9). Da mesma forma, o último livro do Antigo Testamento retrata a cena com palavras por demais impressionantes: “vem o dia e arde como fornalha; todos os soberbos e todos os que cometem perversidade serão como o restolho; o dia que vem os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo” (Ml 4:1). Então, das cinzas deste velho mundo, Deus fará surgir um novo céu e uma nova Terra, verdadeira obra-prima em Seu propósito de restaurar todas as coisas (Is 65:17). Esse será o ponto final de um planeta em rebelião e o ponto em que se reinicia um Universo sem pecado! A esse momento de transição, Jesus deu o nome de *regeneração* (Mt 19:28; do grego *palingenesía*, renovação, regeneração), um reinício, um novo nascimento.

Mas o estudo da escatologia bíblica requer também o reconhecimento de outro enfoque até mais fundamental que o conhecimento dos eventos finais, porque está relacionado com a revelação de Deus em Jesus Cristo.

Segundo o teor geral da Bíblia, essa qualidade de revelação comporta três aspectos bem definidos. Ela é absoluta, normativa e final. Esses aspectos se devem

primordialmente ao fato de que, em Jesus, Deus mesmo entrou na História numa operação sem precedente, agindo direta e pessoalmente em favor do homem.

Ela é absoluta em cinco particularidades: alcance (envolve toda a humanidade), autonomia (comunicação direta com o homem), incondicionalidade (a revelação é fruto exclusivo da iniciativa divina), idoneidade (é superior à revelação feita por outros meios) e amplitude (é plena, completa; tudo o que Deus precisava revelar ao homem para sua salvação foi feito em Jesus Cristo).

Como normativa, ela estabelece os parâmetros do real significado de toda a revelação provinda de Deus, não importando a época nem o local em foi dada. Por último, ela é final, pois os tempos escatológicos anunciados desde o Antigo Testamento se fazem presentes em Jesus e transcorrem a partir dEle (ver At 2:17, 22; 1Co 10:11; Hb 1:2; 9:26; 1Pe 1:20; 1Jo 2:18). Com Ele chegou a “plenitude do tempo” (Gl 4:4), quando Deus executou Seu ato soberano e definitivo de salvação (Ef 1:7-10).

Cumprimento duplo

Um estudo mais ponderado dos eventos escatológicos nos leva a compreendê-los como possuindo um duplo caráter de cumprimento: em Cristo e na História,

sendo este resultante daquele. Porque tudo se cumpre primeiramente em Cristo, podemos ter certeza de que tudo se cumprirá em seu devido tempo na História (Mt 5:17, 18). Não há como deter as profecias em seu cumprimento histórico, uma vez que estão cumpridas em Cristo. Não pensar assim é ignorar que do ato salvífico fundamental de Deus em Cristo decorre Sua ação salvífica em todas as épocas e lugares. Portanto, os atos salvíficos finais de Deus na História, justamente o que dá conteúdo à escatologia, são dependentes daquilo e se fazem presentes naquilo que Deus operou em Cristo. Eles se projetam na História como atos já consumados em Cristo.

Isso significa que não podemos obter senão um quadro parcial e até mesmo distorcido da escatologia bíblica, quando não a consideramos em duas distintas dimensões: realizada em Cristo e realizada na História (realização que deve ser entendida como inaugurada, intensificada e consumada). O último lance escatológico é a consumação final, quando este mundo de pecado cederá lugar ao mundo restaurado de Deus. Então, os eventos escatológicos, que até agora estão plenamente cumpridos apenas em Cristo, terão obtido pleno cumprimento também na História.

Realizada em Cristo

A escatologia deve, portanto, ser vista antes de tudo como plenamente realizada em Cristo. De alguma forma o tão esperado e anunciado “dia do Senhor” irrompeu na História com o primeiro advento. H. H. Rowley observa a esse respeito que “enquanto Deus era crido estar sempre ativo no plano da História, usando a natureza e os homens para cumprir Seus objetivos, o dia do Senhor era encarado como o dia de uma ação mais direta e clara”.¹ Inequivocamente, esta pode ser contemplada no ministério terrestre de Jesus, que culmina com Sua morte, ressurreição e ascensão.

A mensagem de Jesus abrindo Seu ministério terrestre, “o Reino de Deus está

próximo” (Mc 1:15), pressupõe esse fato. A forma verbal *éngiken* (“está próximo”), conforme C. H. Dodd demonstrou, implica “chegada” e não apenas proximidade.² Que o Reino está presente no ministério de Jesus claramente se infere de certos textos como Mt 12:28 e Lc 17:21. A deficiência do raciocínio de Dodd é que ele enfatizou a escatologia realizada em Cristo, em detrimento da escatologia inaugurada e consumada na História.

É precisamente porque a ação divina ocorre clara e diretamente em Cristo, que o “dia do Senhor” deverá ocorrer em caráter definitivo na consumação da História. Em Cristo, de alguma forma, o mundo chegou ao fim (cf. Jo 6:33). O ato de Deus executar o plano da redenção em Cristo, fato para o qual converge o todo da ação salvífica de Deus na História, é “um evento neste tempo e neste mundo e, simultaneamente, um evento que põe um fim e um limite a este tempo e a este mundo”.³ Essa é uma verdade solene e suficientemente profunda para que a comentemos aqui em seus pormenores.

Devemos nos lembrar de que ao morrer na cruz, Cristo viveu a experiência de um mundo mau e perdido que deverá agonizar e definitivamente passar, no tempo estabelecido por Deus. As palavras de Cristo no contexto da crucifixão, “se em lenho verde fazem isto, que será no lenho seco?” (Lc 23:31), denotam que o mundo enfrentará o seu Calvário e chegará ao fim. Mas esse passamento final do mundo poderia ser evitado caso ele aceitasse Jesus como Salvador e Senhor. Foi para isso que Ele sofreu, agonizou e morreu. Ele o fez por ter assumido a culpa e penalidade da humanidade, tornando-Se a expiação pelos pecados “do mundo inteiro” (1Jo 2:2). Mas, rejeitando a própria remissão, o mundo enfrentará, por si mesmo, o seu Calvário, para ceder lugar a um “mundo novo”, assim como Jesus morreu para ressuscitar imortal.

Por outro lado, a ressurreição de Jesus substancia a imortalização daqueles que O

aceitam. Isso ocorrerá igualmente na consumação final (1Co 15:51-55), o que explica por que Jesus é qualificado como “as primícias” dos que dormem (v. 20). Sua ressurreição encabeça a dos salvos: “Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na Sua vinda” (v. 23).

Porque toda a terra e sua produção eram um dom do Senhor e a Ele pertenciam, os hebreus eram instados a reconhecer esse fato e agradecer por ele, oferecendo a Deus os primeiros frutos. A figura dos “primeiros frutos”, ou “primícias” é muito apropriada para ilustrar a escatologia realizada em Cristo, lembrando que incorporavam o todo da colheita, como os seguintes três pontos demonstram: (1) Paulo afirma: “se forem santas as primícias da massa, igualmente o será a sua totalidade” (Rm 11:16). (2) Os 144 mil, embora componham a última geração de salvos, são chamados “primícias” (Ap 14:4); neles ocorre uma representação da Igreja em todos os tempos, considerada “dos primogênitos” (Hb 12:23, NVI). (3) A atual possessão do Espírito Santo é chamada “primeiros frutos do Espírito” (Rm 8:23, NVI), por ser a garantia de que todos os dons de Deus já estão outorgados em Cristo e os desfrutaremos no devido tempo.

Assim, na qualidade de “primícias”, a ressurreição de Cristo é o prelúdio dos “novos céus” e da “nova Terra” que emergirão quando este mundo desaparecer como resultado último da redenção cumprida na cruz.

Portanto, no plano da escatologia realizada em Cristo, não é preciso aguardar a consumação final para que a “nova criação” ocorra. Ela já existe na pessoa de Cristo e, por extensão, na experiência de Seus seguidores. Com efeito, “se alguém está em Cristo, é [não *será*] nova criação” (2Co 5:17, NVI; grifos acrescentados). Em outras palavras, a experiência do homem na salvação é desfrutada em termos da realidade escatológica cujos eventos redentores não se limitam ao futuro, mas de fato “já começaram a se mostrar na História... o

crente já experimentou a morte e a ressurreição (Rm 6:3, 4), ele já foi ressuscitado em Cristo e exaltado ao Céu (Ef 2:6), compartilhando da ressurreição e da vida glorificada de seu Senhor”.⁴

Em Cristo, os crentes chegaram “ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia” (Hb 12:22), fatos que, no plano da História, só ocorrerão na consumação final. De nenhum desses fatos, contudo, poderia ser dito como já realizado em referência aos que serviram a Deus na antiga dispensação, pois sem nós eles não podiam ser “aperfeiçoados” (Hb 11:40).

Realizada na História

Entretanto, este mundo mau persiste. Em Cristo, a era porvir foi introduzida na História, para coexistir até o fim com a atual. É o *já* e o *ainda não*, afirmados no Novo Testamento. A escatologia, que possui o caráter de realizada em Cristo, deve, em virtude desse fato, adquirir também o caráter de realizada na História.

O processo dessa realização, que começou com o primeiro advento, ainda continua. Ele tem avançado na passagem dos séculos, e marcha agora para sua culminação. Por isso dizemos que a escatologia bíblica, além de realizada em Cristo, também deve ser entendida como inaugurada por Cristo, primeiro lance da escatologia realizada na História. Desde a morte, ressurreição e ascensão de Jesus, o mundo vive os “últimos dias”, e Satanás sabe “que pouco tempo lhe resta” (Ap 12:12). É esse fato que empresta significado à mensagem da iminência do fim, registrada nas páginas do Novo Testamento. Embora a passagem do tempo possa parecer constrangedora para nós devido à sensação de demora, devemos admitir que o plano divino está sendo cumprido e será plenamente concretizado.

A descida do Espírito Santo no Pentecostes, o evangelho estendido aos gentios, a destruição de Jerusalém no ano 70,

o predomínio medieval do anticristo e a reforma protestante podem ser apontados, entre outros, como eventos distintamente escatológicos. De uns 250 anos para cá, esses eventos se têm intensificado numa evidência da proximidade do fim. Isso define o segundo lance da escatologia realizada na História, escatologia intensificada, estabelecendo a última fase dos tempos escatológicos. Com base nas profecias de Daniel e Apocalipse, datamos 1798 como o início deste período final da História (com uma antecipação para 1755 com o terremoto de Lisboa), a partir de quando o chamado “tempo do fim” se faz presente. A essa fase se aplicam as palavras “já não haverá demora” (ou “tempo”; Ap 10:6). Com efeito, em 1844 terminou o mais longo período profético das Escrituras, os 2.300 dias/anos de Daniel 8:14, cumprindo o que havia sido predito ao profeta, de que esse período atingiria o “tempo do fim” (v. 19).

Assim, pelo que Deus fez em Cristo há dois mil anos, e substanciado pela maneira pela qual Ele tem operado desde esse tempo (particularmente em nossos dias), podemos antecipar o momento em que ele completará Sua obra de redenção e todas as coisas serão restauradas. O que antes foi realizado em Cristo atingirá a plenitude com sua realização na História e no Universo. Então, o plano salvífico de Deus estará plenamente consumado em sua execução e no alcance de seus efeitos. Com isso, o último lance da escatologia realizada na História é efetivado; ela se torna escatologia consumada.

Todos esses eventos proclamam em alta voz que o futuro já começou, e que Aquele que iniciou Sua boa obra “há de completá-la até o dia de Cristo Jesus” (Fp 1:6).

Mais que profecias

A mensagem do Novo Testamento acerca de Jesus como revelação plena, normativa e final de Deus e de Seu propósito de salvação, é decisiva para uma autêntica compreensão do conteúdo profético/

escatológico da Bíblia. Ignorar alguém esse fato é expor-se ao risco de compreender mal o que foi dado para nosso bem. E compreender mal a verdade é outra maneira de acabar crendo no engano, o que resultará em grande perda.

Não somos, como alguns pensam, um mero movimento escatológico/apocalíptico, pregando mensagens distintivas ao mundo, e anunciando o fim dele. Nossa escatologia, é claro, é apocalíptica, pois são as profecias que preveem o rumo dos eventos finais. Porém, somos uma Igreja essencialmente fundamentada no evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, Aquele que, nas profecias, revelou-Se como razão fundamental de todas as coisas que cumprem o propósito divino de restauração daquilo que o pecado colocou a perder.

Precisamente por essa razão, não podemos, em nosso pensamento escatológico, limitar-nos exclusivamente a fatos que marcam o dia a dia da História deste planeta, ainda que cumpram fielmente as previsões proféticas. Naturalmente, escatologia envolve acontecimentos na História, fundamentalmente finais. Mas escatologia tem que ver antes de tudo com uma Pessoa e com o compromisso que com Ela devemos assumir.

Uma Pessoa que há dois mil anos visitou nosso planeta e estabeleceu definitivamente o significado da História, garantindo por Sua vida, Seu ministério, morte e ressurreição, ascensão e intercessão junto à Majestade universal, um final feliz, a ter lugar a partir de Seu glorioso retorno nas nuvens do céu. **M**

Referências:

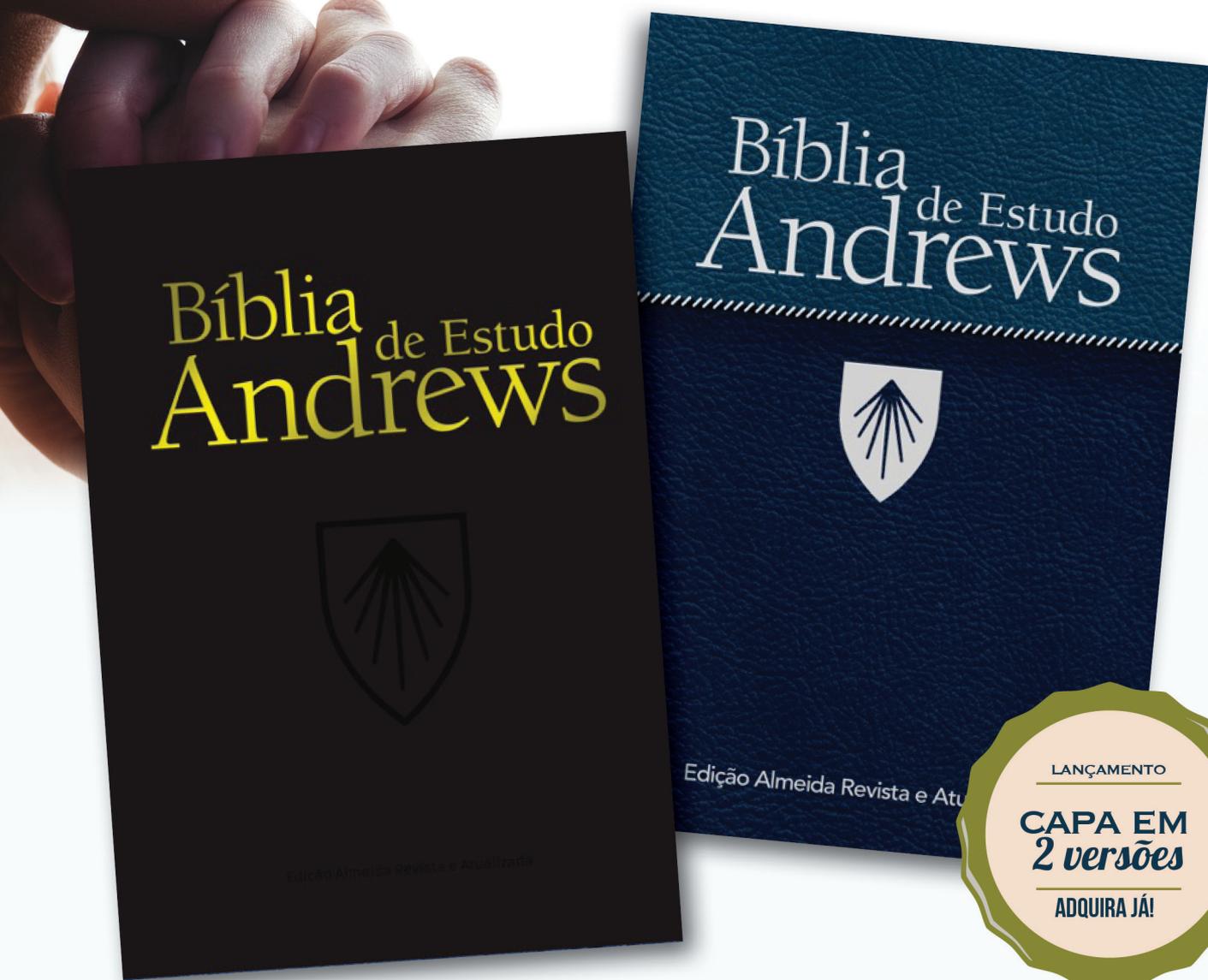
¹ H. H. Rowley, *The Faith of Israel* (Londres: SMC Press, 1956), p. 179.

² Ver C. H. Dodd, *The Parables of the Kingdom* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1961), p. 29, 30; e “The Kingdom of God has come”, *Expository Times* 48, 1936/1937, p. 138-142.

³ G. Bornkamm, *Jesus of Nazareth* (Nova York: Harper & Row Publishers, 1960), p. 184.

⁴ G. E. Ladd, *Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Exodus Editora, 1997), p. 510.

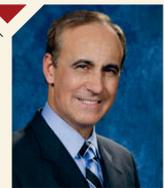
***Não deixe o momento passar,
É SUA VEZ DE FALAR DO AMOR DE DEUS!***



A Bíblia de Estudo Andrews apresenta as Escrituras de maneira prática e inovadora. A popular versão Almeida Revista e Atualizada 2ª edição foi complementada com uma rica coleção de seções. Entre elas, encontram-se mais de 12 mil notas de estudos produzidas por teólogos adventistas, mapas, sistema de referências, concordância e muitas tabelas com informações que facilitam a compreensão do texto bíblico.

0800-9790606 | www.cpb.com.br | CPB livraria

Se preferir, envie um SMS para o número 28908 com a mensagem CPBLIGA, e entraremos em contato com você.



Cortezia do autor

Preparando o mundo para o fim

“A mensagem há de ser levada não tanto por argumentos como pela convicção profunda do Espírito de Deus”



Recentemente, enquanto fazia uma viagem aérea, comecei a conversar com meu vizinho de assento. Quando ele soube que eu era pastor, fez-me uma pergunta demasiadamente familiar: “Como você pode ter certeza de que está na igreja certa, enquanto todos os demais afirmam ter a verdade?” Na sequência, acrescentou: “Isso realmente é importante? Afinal, não acreditamos no mesmo Deus?”

Sendo você pastor ou alguém que teve a oportunidade de discutir a respeito de religião com outra pessoa na rua, certamente se deparou com questões semelhantes. Isso ocorre porque, hoje, muitas pessoas defendem a crença de que a verdade é

relativa, ou seja, não é a *sua* verdade nem a *minha* verdade. Em última análise, não há nenhuma verdade absoluta.

Para piorar, muitos acreditam que a verdade é irrelevante. Desse modo, considerando que ela não pode ser determinada, devemos parar de tentar defini-la, concentrando-nos no que realmente importa: a realização pessoal.

Cristianismo pós-moderno

Até os anos 1950, os questionamentos apresentados eram muito diferentes. Na América do Norte predominantemente cristã, as pessoas procuravam a verdade bíblica. Apresentar certa doutrina das

Escrituras era prova suficiente para o candidato sincero, e somente a Bíblia era o critério pelo qual a verdade poderia ser avaliada.

Entretanto, para muitos atualmente, a verdade é uma questão de conveniência. Por esse motivo, alguns escolhem frequentar uma congregação em sua rua só porque é próxima de casa ou ir a uma grande igreja de um bairro distante em virtude de seu excepcional programa musical. Outros decidem até mesmo ir a uma cidade vizinha por causa da escola da igreja.

Todavia, o cenário mudou radicalmente a partir da “revolução” da década de 1960, perturbando a ordem tradicional

das coisas e desafiando todos os aspectos da vida. Esse quadro inseriu novas opções de estilo de vida aos padrões convencionais, tanto na esfera secular quanto na religiosa, apagando as linhas de demarcação.

Se considerarmos ainda a invasão das religiões orientais e do Oriente Médio (por exemplo, hinduísmo, budismo, islamismo), a definição de verdade parece ter se perdido em algum lugar. Nossas crenças distintas se tornam apenas mais uma opção entre milhares e, sem nenhum critério em comum destinado a avaliar a verdade, ela se tornou relativa.

Diante desse quadro, como podemos alcançar pessoas de todos os estilos de vida e cultura com a mensagem do evangelho? Como podemos alcançar o mundo com a tríplice mensagem angélica – a verdade bíblica distintiva para nosso tempo?

Trata-se de um duplo desafio; pois, embora a mensagem central do evangelho nunca tenha mudado – Adão e Eva aceitaram a salvação pela fé no Cordeiro que havia de vir, assim como nós aceitamos pela fé a salvação mediante o Cordeiro que morreu no Calvário –, alguns aspectos da verdade mudam para cada geração.

Cada geração teve uma verdade específica para proclamar. Noé aceitou a mensagem da salvação pela fé no Messias vindouro, mas tinha uma pregação distinta para apresentar ao mundo: a Terra seria destruída pela água, e todos os que quisessem ser salvos deviam entrar na arca. Elias também tinha uma mensagem, assim como João Batista e os demais profetas, todos inseridos no contexto do evangelho.

A mensagem de hoje

Martinho Lutero era um dedicado monge católico que buscava desesperadamente o favor de um Deus severo e exigente, seguindo as regras de sua ordem eclesial com exatidão. Contudo, quanto mais ele tentava, menos digno se sentia, até o dia em que, desesperado, subiu de joelhos a escadaria de mármore que supostamente havia sido escalada por Jesus em Seu

caminho ao Gólgota. Lutero achava que talvez isso finalmente expiaria seu pecado.

Entretanto, naquele dia, tudo mudou; pois, de repente, ele compreendeu com clareza o texto que lhe veio à memória: “O justo viverá por fé” (Rm 1:17).

Quando a luz da verdade inundou sua mente e encheu seu coração de alegria, ele repentinamente se levantou e, de modo enérgico, desceu os degraus, para espanto daqueles que estavam próximos.

Por que isso é tão relevante hoje? Porque 500 anos depois, as pessoas ainda estão subindo escadas, criando uma salvação à sua própria maneira.

Mas, a única escada que realmente importa é aquela que Jacó descobriu aproximadamente quatro mil anos atrás, quando estava em um momento difícil da vida: uma escada brilhante, que leva diretamente ao Céu. Essa escada é o próprio Jesus. Cristo menciona isso em João 1:51: “Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem.”

Essa é nossa mensagem específica. Jesus é o único que pode transpor o abismo entre o Céu e a Terra. Seu sacrifício permitiu que o Céu descesse até nós e que nossas orações ascendessem ao trono de Deus. Nós não estamos subindo por nós mesmos a escada de Jacó para nossa salvação!

A mensagem do evangelho é distinta na medida em que é uma mensagem de graça e perdão. “Não nos trata conforme os nossos pecados nem nos retribui conforme as nossas iniquidades” (Sl 103:10, NVI). Ele sofreu nosso castigo e morreu por nós, para que pudéssemos viver (Is 35:5).

Entretanto, todos os cristãos acreditam nisso. Então, de que modo é distinta? Como a salvação pela graça combina com as três mensagens angélicas?

Por um momento, pense em Caim e Abel. Ambos desejavam adorar o Senhor. Abel se lançou sobre a misericórdia de Deus e confiou nEle completamente. Caim acreditou que tinha uma ideia melhor do que a exigência de Deus: sua própria forma de adoração, a salvação por suas obras. A

proposta de Caim podia não ser má e até ter sentido. Contudo, não era o que Deus pedia.

Sempre que nos desviamos da explícita Palavra de Deus e seguimos uma forma própria de adoração, rejeitamos a salvação pela graça. Acreditamos que nosso método, tradição e ideias são mais adequados para operar nossa salvação. Deixamos de confiar no “Assim diz o Senhor” e transformamos nosso caminho estreito em diversas estradas tortuosas de confusão.

Quando olhamos para as três mensagens angélicas, vemos nelas a salvação pela fé adaptada ao que o povo de Deus irá enfrentar no tempo do fim. Elas são um convite para encarar o julgamento por meio dos méritos de Jesus, sair de uma forma de adoração que o Senhor não aprova e confiar totalmente na palavra de nosso Criador. Trata-se de um apelo para examinar o que Ele disse em Sua lei e abandonar o que Ele não estipulou, a fim de que possamos receber o selo de Deus.

A missão

Porém, a questão permanece: Se nossa mensagem central gira em torno do evangelho no contexto da tríplice mensagem angélica, como convenceremos as pessoas que não aceitam a verdade bíblica?

Nós não convenceremos. Não temos de convencer ninguém. Nós apenas temos de apresentar a mensagem. Fomos chamados para levar o evangelho a cada nação, tribo, língua e povo. Embora seja imperativo buscar novos métodos e estudar as culturas para melhor alcançar as pessoas, em última análise, o trabalho de conversão não é nosso, pois não temos poder para transformar nenhum coração.

Às vezes nos esquecemos de que não estamos lutando sozinhos para cumprir nossa missão. De fato, esse não é nosso trabalho – somos apenas colaboradores de Cristo. É Sua obra por meio do Espírito Santo que transforma corações.

Não estamos sendo cobrados para ser bem-sucedidos. Apenas estamos sendo instados a ser fiéis na proclamação da

mensagem. Os resultados pertencem a Deus. Se eu aprendi algo em 32 anos de ministério foi que não posso convencer ninguém de nada. Entretanto, o que posso fazer – o que fomos ordenados a fazer – é apresentar a mensagem do evangelho, independentemente de quão fútil ou endurecido o público possa parecer, pois o Espírito Santo está em ação.

Estive recentemente em um país no qual o cristianismo é minoria. Eu havia sido convidado para falar em uma grande igreja no sábado de manhã e, antes que o culto começasse, perguntei a um dos anciãos se ele sabia quantos visitantes estavam presentes, pois sempre gosto de orar por eles no fim da programação. “Pastor”, ele me disse enfaticamente, “não temos visitantes nesta igreja.” Para minha surpresa, havia uma ponta de orgulho em sua voz – orgulho de uma igreja tão exclusivista que os visitantes escolheram ir a outro lugar.

No encerramento do culto, decidi correr o risco de atrair a ira do ancião e perguntei se havia algum visitante presente. Cinco pessoas se levantaram, e eu as convidei para virem à frente para uma oração especial. Enquanto uma das senhoras se aproximava, notei dois “guarda-costas” corpulentos cercando-a e, em seguida, recuando, quando ela chegou à frente.

Depois da oração, dirigi algumas palavras a cada convidado e lhes disse que ficaria feliz em poder conversar com eles. Aquela senhora falou: “Eu sou esposa do presidente do Serviço Postal de nosso país. Tenho frequentado a igreja durante três meses, e esta é a primeira vez que alguém falou comigo.” Ninguém a havia convidado, afirmou. Aquela mulher estava frequentando a igreja porque queria saber mais a respeito da fé cristã.

A causa é de Deus

Disse Jesus: “E Eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a Mim mesmo” (Jo 12:32). Se acreditamos nisso, devemos saber que não estamos sozinhos e que a obra de conversão é dEle. Cristo disse que, se ficarmos em silêncio, “as próprias pedras

clamarão” (Lc 19:40). Se Deus pode usar pedras, Ele pode usar você e a mim. Entretanto, devemos falar e não nos calar.

Em breve virá o tempo em que o Senhor derramará Seu Espírito, e veremos Jesus e Seu sacrifício de um modo nunca visto antes. Zacarias descreveu isso: “E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o espírito da graça e de súplicas; olharão para Aquele a quem traspassaram; irão pranteá-Lo como quem pranteia por um unigênito e chorarão por Ele como se chora amargamente pelo primogênito” (Zc 12:10).

Deus não diz que derramará Seu Espírito sobre o mundo todo, mas sobre Seu povo – Sua igreja, o Israel espiritual. Como resultado daquele choro, “haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza” (Zc 13:1). O povo de Deus será limpo e purificado. O Espírito Santo será derramado na medida certa para nos permitir finalizar a obra de proclamar o evangelho ao mundo. Que grande tempo será!

O gran finale

Há incríveis sinais impossíveis de não serem vistos ocorrendo agora no mundo sociopolítico. Sabemos que Satanás tem “três espíritos imundos semelhantes a rãs” indo “aos reis do mundo inteiro com o fim de juntá-los para a peleja do grande dia do Deus todo-poderoso” (Ap 16:13, 14). Sabemos que ele conclama o mundo para uma reunião, uma falsa unidade. Conquanto unidade seja algo bom, a unidade a expensas da verdade bíblica jamais será boa.

No entanto, Deus também mantém três anjos mensageiros que estão convocando o mundo para uma reunião. Eles não vão ao encontro de reis para forçar as leis civis, mas se dirigem a cada pessoa do planeta, falando ao coração e chamando-as para uma reunião no Monte Sião. Eles estão apelando às pessoas, a fim de que elas saiam do erro e confiem totalmente naquilo que Deus disse em Sua Palavra. A tríplice

mensagem angélica é a última mensagem divina de amor e misericórdia ao mundo.

Sabemos que, no decorrer da História, sempre que o povo de Deus tem sido fiel, tal fidelidade incita a fúria daqueles que não o são. Deus rejeitou a adoração de Caim, e Caim desprezou seu irmão e decidiu matá-lo. Esse padrão tem permanecido ao longo do tempo.

Agora, enquanto o mundo caminha em direção à batalha final entre Cristo e Satanás, somos convidados a tomar uma posição e proclamar com poder a mensagem distintiva de Deus para nosso tempo. Há muitos métodos diferentes de evangelismo e expansão, e todos eles funcionam se nós apenas os experimentarmos. O Espírito de Deus aproveita toda oportunidade para influenciar corações.

Em seu livro *O Grande Conflito*, Ellen G. White descreve o tempo vindouro em que as pessoas serão instadas a tomar uma posição: “Servos de Deus, com o rosto iluminado e a resplandecer de santa consagração, vão se apressar de um lugar para outro para proclamar a mensagem do Céu. Por milhares de vozes em toda a extensão da Terra, será dada a advertência. [...] Assim os habitantes da Terra serão levados a decidir-se. A mensagem há de ser levada não tanto por argumentos como pela convicção profunda do Espírito de Deus” (p. 612).

Enquanto a Terra mergulha cada vez mais fundo no caos moral, político, econômico e ecológico, a Bíblia descreve claramente aqueles que defendem a verdade e proclamam a mensagem para este tempo: “Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente” (Dn 12:3).

Grandes tempos estão à frente do povo de Deus, e os melhores capítulos do livro de Atos ainda serão escritos. Quando abraçamos o evangelismo e o tornamos parte importante de nosso ministério, colocamo-nos no centro da ação de Deus – o melhor lugar para alguém estar! 



Cortesia do autor

Foco na direção certa

Ninguém precisa ser esmagado pela crise final que ameaça o mundo. Há uma solução infalível para ela

“Que sinal haverá da Tua vinda?” (Mt 24:3), perguntaram os discípulos a Cristo. Eles esperavam uma resposta específica, mas o Mestre respondeu: “Vede que ninguém vos engane” (v. 4). Em Mateus 24 Ele usou três vezes o verbo “enganar”. Cristo estava preocupado de que “grandes sinais e prodígios” pudessem enganar até mesmo “os próprios eleitos” (v. 24).

Junto à advertência contra enganar, Jesus mencionou a ocorrência de crises antes de Sua vinda: guerras, fome e terremotos, perseguição, apostasia (v. 6, 7, 9, 10, 12). Ele também exortou Seus seguidores a estudar a abominação em Daniel (v. 15; ver Dn 9:27; 11:31; 12:11) e a guardar o sábado (Mt 24:20).

Finalmente, Jesus respondeu à pergunta dos discípulos: “Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; todos os povos da Terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória” (v. 30). Sua glória é como o relâmpago cruzando os céus (v. 27). Um Cristo falsificado, surgindo no deserto ou no interior da casa, não terá vindo do Céu em poder e ofuscante glória (v. 24-26). Mas um Cristo falsificado pode enganar pessoas (v. 24) e tirar delas a salvação.

Escreveu Ellen G. White, “não será

permitido a Satanás imitar a maneira do advento de Cristo. [...] Como ato culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará Cristo. [...] Satanás os impedirá de obter o preparo para estar em pé naquele dia”.¹ Não admira que Cristo tenha falado de engano. O verdadeiro segundo advento será precedido da maior crise. Para ser relevante, a contrafação de Satanás deve preceder o genuíno. O que Cristo está dizendo é: “Não se deixem cativar por um Cristo falso na Terra. Olhe para o Cristo bíblico e evite a grande crise.”

No verdadeiro segundo advento, Cristo enviará Seus anjos “com grande clangor de trombeta” (v. 31) para reunir Seu povo (v. 31). Paulo acrescenta que esse povo encontrará Cristo nos ares e estará junto com Ele no Céu (1Ts 4:16-18). A reunião com Cristo será no céu, não na Terra. Assim, quem reivindicar ser Cristo na Terra é uma falsificação. Cristo não virá à Terra para inaugurar ou governar um reino já estabelecido.² O sinal é Jesus vindo no céu. Acima de todos os outros sinais, Cristo queria que Seus discípulos conhecessem *o sinal*.

Olhar para Cristo

A ideia de olhar a Cristo e não a crise está presente nas Escrituras. Quando o

povo de Deus estava na terra da promessa, os moabitas, amonitas e meunitas foram guerrear contra o rei Josafá e Judá. Eles fizeram um grande exército (2Cr 20:1, 2). Alarmado, Josafá buscou o Senhor em oração e jejum: “Nosso Deus, acaso, não executarás Tu o Teu julgamento contra eles? Porque em nós não há força para resistirmos a essa grande multidão que vem contra nós, e não sabemos nós o que fazer; porém os nossos olhos estão postos em Ti” (v. 12). Ele olhou o Cristo pré-encarnado, não a crise, e a vitória foi grande.

Quando o exército egípcio perseguiu os israelitas que tinham diante de si o Mar Vermelho, eles ficaram sem saída; sua aniquilação parecia iminente. Eles “temeram muito” e “clamaram ao Senhor” (Êx 14:10). “Moisés, porém, respondeu ao povo: Não temais; aquietai-vos e vede o livramento do Senhor que, hoje, vos fará; porque os egípcios, que hoje vedes, nunca mais os tornareis a ver. O Senhor pelejará por vós, e vós vos calareis” (v. 13, 14).

Eles deviam focalizar Cristo, não a crise. Acaso, teriam esquecido o que Cristo havia feito por eles? Cristo não os havia protegido em Gósen, quando as pragas eram derramadas (Êx 8:22, 23)? Não tinham os primogênitos sido poupados pelo sangue

do cordeiro enquanto morriam os primogênitos egípcios (Êx 12:6-13)? O livramento no Mar Vermelho será repetido no Armagedom. Em comparação à maioria militar oposta aos israelitas no Mar Vermelho, quase o mundo inteiro estará contra o povo de Deus no fim do tempo (Ap 13:3, 4; 16:12-16).

A crise do “ladrão de noite”

Embora Cristo tenha dito que o fim virá quando o evangelho for pregado em todo o mundo (Mt 24:14), ele será uma surpresa, à semelhança do dilúvio global. Por essa razão, Ele nos aconselhou a ser vigilantes (v. 42): “Ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá” (v. 44), como ladrão à noite (1Ts 5:2; 2Pe 3:10; Ap 3:3).

Mas, como podem os adventistas do sétimo dia experimentar a crise do ladrão de noite no segundo advento de Cristo? Aca-so, não esperam eles Seu retorno depois da lei dominical, do decreto de morte e das pragas? Certamente, não serão surpreendidos. Porém, o que dizer se a experiência do ladrão de noite acontece antes do segundo advento? Ou por ocasião da chuva serôdia?

Há duas vindas da parte de Deus no fim do tempo: a vinda da chuva serôdia e a vinda de Cristo. Assim como Cristo virá pela segunda vez, o Pentecostes é a segunda vinda do Espírito Santo. O preparo para a vinda do Espírito Santo é nossa maior necessidade hoje. Por isso, o chamado ao reavivamento e à reforma é tão oportuno. Devemos estar prontos para ser selados pelo Espírito Santo, para que estejamos prontos para o segundo advento de Cristo.

Como evitar a crise

Cristo falou das dez virgens, representando aqueles que creem na segunda vinda. Mas cinco delas não tinham azeite (Mt 25:1-4). As virgens néscias eram superficiais, despreparadas e ficaram fora do Céu (v. 9-13). Aparentemente elas estavam inconscientes de sua crise, não olhando a Cristo. Por algum tempo, estiveram satisfeitas com sua condição. Eram virgens

esperando o noivo. Mas estavam satisfeitas apenas com um pouco do azeite divino, quando era necessário muito azeite. Ainda tinham uma chama bruxuleante, pois suas lâmpadas ainda não estavam totalmente apagadas (Mt 25:8). Elas não eram candidatas para o selamento.

Os cristãos do fim do tempo têm forma de piedade, mas negam o poder de Deus (2Tm 3:1-5). Cristo fala da igreja do fim do tempo como Laodiceia, que pensa não necessitar de nada, mas realmente necessita de tudo que conta para salvação. Eles conservam Cristo fora de sua vida (Ap 3:14-21). São derrotados pela crise de autossatisfação, não buscando a sabedoria e direção de Deus.

Olhar a Cristo, não a crise, inclui o conhecimento e experiência que lhes permitirão ser selados (Ap 7:1-3). Ellen G. White define o selamento como “a consolidação na verdade, tanto intelectual como espiritualmente, de modo que não possam ser abalados”.³ Assim, o selamento envolve profundo estudo e amor pela verdade. O selamento ocorre no derramamento da chuva serôdia. Sem o selo, ou sem a chuva serôdia do Espírito Santo, ninguém poderá sobreviver nos tempos de prova. Mas as boas-novas são que todo aquele que estiver selado não poderá ser abalado. Busque o dom divino do selamento, e se torne inamovível durante a crise vindoura.

Olhar a Cristo, não para a crise, significa olhá-Lo a fim de obter conhecimento dEle e ter uma experiência com Ele. Quando recebemos esse duplo dom, encontramos-nos escondidos em Cristo que disse: “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei” (Mt 11:28). Porém, ir a Ele não é suficiente. Necessitamos permanecer nEle. “Permanecei em Mim, e Eu permanecerei em vós. ... Porque sem Mim nada podeis fazer. ... Se permanecerdes em Mim, e as Minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito” (Jo 15:4, 5, 7).

Ele continua dizendo: “Como o Pai Me amou, também Eu vos amei; permaneci

no Meu amor. Se guardardes os Meus mandamentos, permanecereis no Meu amor; assim como também Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai e no Seu amor permaneço. Tenho-vos dito estas coisas para que o Meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo” (v. 9-11).

Mantendo o olhar

A primeira coisa que precisamos fazer cada dia é estabelecer tempo para meditar em Cristo. Então, necessitamos comungar com Ele durante o dia e nos alegrar em Seu abrangente amor. Se queremos gastar a eternidade com Cristo, necessitamos agora ter tempo para Ele cada dia. Ao fazermos isso, cresceremos tão profundamente em amor para com Ele, que nada, nenhuma crise “poderá nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8:39).

Há um princípio nas Escrituras, que pela contemplação de Cristo somos transformados. Essa é uma boa-nova para aqueles que se preocupam com a crise vindoura. Paulo disse ao povo de Deus: “contemplando... a glória do Senhor, somos transformados” (2Co 3:18). Essa declaração está no tempo presente contínuo do grego. Todo dia, demorando-nos no superabundante amor de Cristo (cf. 1Jo 3:1), somos transformados à semelhança dEle. Por isso, João diz: “Quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele” (v. 2). Esse é o resultado de olhar a Cristo, não a crise. Ele prometeu: “Estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28:20). “Sede fortes e corajosos, não temais, nem vos atemorizeis diante deles, porque o Senhor vosso Deus, é quem vai convosco; não vos deixará, nem vos desampará” (Dt 31:6). **M**

Referências:

¹ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 625, 624.

² Por exemplo, no século 4, Agostinho considerava ser o milênio (ou reino) a duração da era cristã. Em nossa era pós-moderna, os movimentos de reforma Emergente e Nacional Apostólica defendem a construção do reino na Terra, em preparo para a segunda vinda de Cristo.

³ Ellen G. White, *Eventos Finais*, p. 220.



Gentileza do autor

A voz do segundo anjo

De que maneira a segunda mensagem angélica de Apocalipse 14 é relevante para o povo de Deus

Historicamente, os adventistas do sétimo dia têm visto sua missão e mensagem como enraizadas nas urgentes três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12. Porém, a mensagem do segundo anjo não tem sido apresentada frequentemente como uma mensagem relevante para nós, mas direcionada a outros. Nossa prática ignora nossa crença de que as três mensagens angélicas deviam ser uma plataforma central em preparar todo o povo de Deus para os últimos dias.

A mensagem de Elias (Ml 4:5, 6), o apelo final do Antigo Testamento e ecoado no Novo (Lc 1:17), adverte o mundo e prepara um povo para o grande dia de Deus. Ela tem sido considerada pelos adventistas do sétimo dia, cumprida por João Batista (Mt 17:11-13) e pelas mensagens dos três anjos. Todos os três anjos têm uma mensagem de restauração e reforma a fim de preparar o povo de Deus para a vinda de Jesus (Ap 14:14-20). Elas são a resposta de Deus às bestas de Apocalipse 13 – a “verdade presente” necessária e apresentada por aqueles que vivem os eventos do tempo do fim. Como uma mensagem preparatória, de que maneira a mensagem do segundo anjo é relevante para todo o povo de Deus?

Resumo das mensagens

As três mensagens angélicas são caracterizadas por uma surpreendente progressão de foco e ensino. Elas movem do evangelho eterno para os mandamentos de Deus, da graça para a lei. Movem-se de uma mensagem de graça para o anúncio de um juízo executivo iminente. Movem-se de uma mensagem cheia de esperança para uma solene advertência para aqueles que tencionam matar o povo de Deus. Elas começam com o louvor ao criador, então focalizam os que adoram a besta. Contrastam o descanso dado pelo criador àqueles que O adoram com a experiência dos adoradores da besta que não têm descanso (Ap 14:11). O quadro que emerge é um panorama de aceitação e rejeição, de salvação e condenação.

É fácil ver as boas-novas no “evangelho eterno” (v. 6), as boas-novas de que Jesus veio viver, morrer e ressuscitar como nosso Salvador.¹ O primeiro anjo desenvolve essa boa-nova lembrando-nos de que Jesus é

nosso criador, digno do nosso louvor, e que está em curso um juízo que confirma os que são crentes no evangelho eterno. Cada caso terá sua devida recompensa. A mensagem do primeiro anjo inclui a boa-nova de que

podemos reverenciar Deus e dar glória a Ele por meio de nossas escolhas, nossa adoração e nosso estilo de vida, elementos esses que podem ser compartilhados, de fato, *devem* ser compartilhados em nossa comunidade e com outros.

Como portadores dessas mensagens, consideramos ser nosso papel apenas proclamá-las, quase nos esquecendo de que somos chamados a vivê-las. Entretanto, em cada uma delas o foco permanece sobre *todos*. Do primeiro anjo aprendemos que “cada nação” (v. 6) deve ouvir o evangelho. O segundo anjo atesta que “todas as nações” (v. 8) que têm ouvido os enganos de Babilônia também ouvem a resposta graciosa de Deus. O terceiro anjo é todo-inclusivo, focalizando o juízo de Deus indistintamente para todos (v. 9, 11). Não podemos nos excluir dessas mensagens. Mas, de que modo a mensagem do segundo anjo cumpre seu papel como mensagem preparatória para os santos?

Significado de “Babilônia”

Em Apocalipse 14:8, “Babilônia” é introduzida pela primeira vez no livro.² Mas, é somente nos últimos capítulos de Apocalipse que nós aprendemos sobre a todo-abrangente identidade de Babilônia.³ No primeiro uso da palavra, João tencionava levar os primeiros cristãos ao tempo de Daniel, quando Babilônia governava o mundo e a falsa religião dela dominava o povo de Deus.⁴ O livro de Daniel começa com Yahweh aparentemente perdendo a guerra contra os deuses babilônicos. Yahweh permitiu que o templo fosse destruído e o povo de Deus fosse levado cativo para Babilônia. Os vasos do templo foram colocados no templo babilônico de Bel e Marduke, enfatizando a aparente derrota e vergonha de Yahweh (Dn 1:1, 2).

A Babilônia dos dias de Daniel ofereceu culto falso, deificou o rei e exigiu adoração a uma imagem de “sessenta côvados de alto e seis de largo” (Dn 3:1). A filosofia de Babilônia é: “ajoelhar ou queimar”. Deixar de adorar como Babilônia requer

penalidade mortal. Babilônia é a síntese de tudo o que o pecado representa. O governo de Satanás pode ser visto.⁵ O pecado tem amadurecido ao ponto em que Satanás matará todos os que forem opostos à sua vontade e sua forma de governar.

Babilônia inclui mais que adoração falsa e uma união ilícita entre Igreja e Estado.⁶ Também tem um falso caminho de salvação, ensinando que, pelas obras, alguém pode apaziguar Deus. Os deuses babilônicos salvavam por meio de uma mistura de esforço humano e expiação. Portanto, Babilônia tem contrafeito a mensagem do primeiro anjo. Seu evangelho e sua lei são contrafações.

As falhas de Babilônia

Anunciou o anjo a João: “Caiu, caiu a grande Babilônia” (Ap 14:8). A repetição encoraja todos os santos. A certeza da queda de Babilônia é definitivamente uma boa-nova para eles. O povo de Deus tem longamente esperado a queda de seu inimigo, simbolizado por Babilônia. Quando isso acontecer, o povo de Deus estará livre. No tempo de Daniel, o povo foi libertado depois de 70 anos de cativeiro. Assim, a queda de Babilônia foi uma ocasião de grande alegria.⁷ Assim como a queda de Babilônia foi uma garantia divina (Is 21:9) aos israelitas dos dias de Daniel, a queda da Babilônia do tempo do fim é a garantia de Deus para o povo do tempo do fim.

Os atuais filhos de Deus precisam ouvir que a queda de Babilônia significa que eles, também, irão ao lar. Nosso lar celestial nos aguarda. Os reis do oriente (Ap 16:12) que levam Babilônia à queda durante a sexta praga nos tornam possível ir ao lar. O rei Ciro⁸ veio do oriente para derrotar Babilônia. Assim, o rei Jesus, nosso Cristo e nosso Ciro, vem do oriente para nos libertar. A queda final de Babilônia significa nossa plena libertação para irmos ao lar.

Frequentemente, temos olhado a queda de Babilônia como sendo apenas moral. É claro que o povo de Deus em Babilônia é chamado a sair dela para não ser

moralmente corrompido por seus pecados (Ap 18:4). Entretanto, esses pecados levam Babilônia à queda e destruição. Em Apocalipse 18, vemos o destino de Babilônia: “será consumida pelo fogo” (v. 8); “chegou o teu juízo” (v. 10); “foi devastada” (v. 19); “nunca mais será achada” (v. 21).

Nosso Rei conquistador faz algo mais do que simplesmente pôr fim às monstruosas depravações de Babilônia. Ele vem fazer justiça. Nosso Rei liberta o Seu povo; derrota Babilônia e leva os salvos para o lar (1Ts 4:17). Conforme Jon Pauline, “em Apocalipse, Deus envia Seu Ciro do tempo do fim para secar o Eufrates do tempo do fim, libertar o Israel de Deus no tempo do fim da Babilônia do tempo do fim, para que esse povo possa viver em uma nova Jerusalém”.⁹

A mensagem da queda de Babilônia contém boas-novas também para os que são seus prisioneiros. Essa é uma mensagem de misericórdia; revela que a porta da graça ainda está aberta – que a situação de alguém não determina seu destino. O amor de Jesus no coração daqueles que são chamados “povo Meu” (Ap 18:4) dentro de Babilônia é mais importante para Deus do que seus rótulos. Deus trabalha urgentemente para que Seu amor alcance aqueles que estão em Babilônia, a fim de ajudá-los a compreender que eles não estão onde Ele deseja que estejam. Quão importante é que o povo de Deus faça ecoar essa mensagem como Ele o faz, compassivamente!

O chamado para sair de Babilônia é um chamado da maravilhosa graça e misericórdia. O povo é chamado a ir para um lugar melhor e servir a um evangelho melhor do que aquele limitado por uma crença em um inferno de fogo. Esse povo também pode ir ao lar, pois a queda de Babilônia não precisa incluí-lo. Pode ser liberto das experiências enganosas e falsas promessas de Babilônia. Para aqueles que a ouvem e respondem, essa mensagem de libertação dá continuidade às maravilhosas boas-novas do primeiro anjo. Ao chamar o povo, devemos revelar a misericórdia de Jesus, à luz do

evangelho eterno, para que ele possa ver que esse evangelho ensina que Deus tem a solução completa para o pecado.

Muitas vezes, as pessoas que estão presas em confusão foram informadas de que Deus lançará os pecadores no inferno. Esse inferno, foi dito a elas, é eterno. Quão maravilhosas são as boas-novas de que Jesus é infinitamente superior a tudo o que elas têm aprendido ou pensado. Jesus veio para resolver completa e totalmente o problema do pecado. Elas podem crer na promessa, feita a Adão, de que a cabeça de Satanás será esmagada (Gn 3:15). Esse é o plano soberano de Deus. A mensagem que devemos compartilhar sobre o evangelho eterno é um conceito maior do amor de Deus e do que Jesus fez por meio de Sua vida e morte. Esse evangelho maior ensina que o pecado terá fim e que a vitória de Jesus sobre o pecado é final e conclusiva.

A queda de Babilônia no tempo do fim está diretamente ligada às pragas descritas em Apocalipse 16:12-16. A queda física da Babilônia antiga ecoa através da secagem do Eufrates, assegurando assim ao povo de Deus nos últimos dias que a Babilônia do tempo do fim terá o mesmo destino de sua predecessora. Somente Cristo derrota Babilônia (v. 15, 16), e a batalha é em favor dos santos. A queda de Babilônia é o Armagedom. Conforme estabelece Hans LaRondelle, “o Armagedom e a destruição da Babilônia universal são idênticos”.¹⁰ Jesus virá para libertar os arautos das três mensagens e aqueles que saírem de Babilônia; assim, a pregação da vinda de Jesus é parte integrante da mensagem do segundo anjo. A vinda de Cristo é uma mensagem cheia de esperança, desejada pelos santos durante séculos. Essa mensagem significa que todos podemos ir ao lar e viver para sempre com Jesus.

A segunda mensagem angélica é basicamente uma mensagem futura. Ainda esperamos que “todas as nações” sejam

enganadas.¹¹ O longo processo dessa queda moral é culminado, à semelhança da Babilônia literal (Dn 5:26-28), em uma completa destruição escatológica da Babilônia espiritual. Por essa libertação final devemos esperar, até que a culpa de Babilônia esteja completa e o cálice da misericórdia de Deus transborde (Ap 18:5-8). O fim do sistema que ameaçará matar o povo de Deus é recebido com um retumbante grito de aleluia (Ap 19:1). Para os santos, o reino do pecado na Terra estará terminado. Eles estarão a caminho para o lar. Não ad-

“A mensagem da queda de Babilônia contém boas-novas também para seus prisioneiros.

Essa é uma mensagem de misericórdia; revela que a porta da graça ainda está aberta – que a situação de alguém não determina seu destino”

mira que a celebração seja superior a qualquer celebração anterior na Terra.

Mensagens de graça e preparo

Esses pensamentos adicionais não contradizem o que temos ensinado sobre a queda moral de Babilônia, mas amplia esse ensinamento e mostra que Apocalipse 14:8 é mais que uma queda moral. A queda de Babilônia é uma mensagem de que Jesus está vindo. Essa mensagem prepara o povo de Deus para “o grande e terrível Dia do Senhor” (1Jo 4:5). É uma esperança que purifica (1Jo 3:3), e uma mensagem que lembra o tipo de cristãos que devemos

ser (2Pe 3:11). A boa-nova da vinda de Cristo é uma mensagem preparatória para todas as pessoas.

O segundo anjo fala de um sistema que tem ativamente tentado ocultar de nós o evangelho e tudo o que Jesus tem feito em nosso favor. O segundo anjo anuncia que as obras e o sistema de salvação de Babilônia estão caídos, enquanto o povo de Deus está destinado ao lar celestial. Cada uma das três mensagens de Apocalipse 14 é, na verdade, uma mensagem de amor que vem do coração de Deus e prepara

Seu povo para o que virá. Como mensagens de graça, elas são boas-novas. Se pudermos reajustar nosso foco, veremos o verdadeiro coração de Deus e Seu propósito, ao entregar essas mensagens para todos nós. Elas são oportunas, verdadeiras, pertinentes, e são nossa mensagem e nosso mandato. Como mensagens preparatórias do povo de Deus, elas nos ajudam a ver as coisas na perspectiva divina. Podem ser resumidas muito sucintamente: Deus odeia o pecado, e Jesus venceu, para que possamos ir ao lar com Ele. **M**

Referências:

- ¹ Ver P. Richard Choi, *Journal of the Adventist theological Society* 20, nº 2 (2009), p. 223-243.
- ² Hans K. LaRondelle, *Chariots of Salvation: The Biblical Drama of Armagedon* (Washington, DC: Review and Herald, 1987), p. 82-107.
- ³ Edwin E. Reynolds, “The Sodom/Egypt/Babylon Motif in the Book of Revelation” (Dissertação PhD; Andrews University, 1994).
- ⁴ Richard Bauckham, *The Climax of Prophecy: Studies in the Book of Revelation* (Edinburgh: T & T Clark, 1993), xi.
- ⁵ *The Seventh-Day Adventist Commentary*, v. 7, p. 829.
- ⁶ *Ibid.*, p. 831.
- ⁷ Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation* (Berrien Springs, MI: Andres University Press, p. 2002), p. 447.
- ⁸ Os nomes Ciro e Cristo significam “ungido”.
- ⁹ John Paulien, *What the Bible Says About the End-Time* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1994), p. 135.
- ¹⁰ Hans K. LaRondelle, *Op. Cit.*, p. 100.
- ¹¹ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 389, 390.

Se torne um
Chefe de Cozinha
 com os lançamentos *Superbom*

Eddy Paixão
 28 Anos - Personal Hair

Tailize Linares
 20 Anos - Estudante
 Universitária

Renata Steidl
 33 Anos - Fisioterapeuta
 e mãe



TAMPA
 Abre fácil

Nova linha de
PRATOS PRONTOS
 Vegetarianos



ÚNICA LINHA DE PRATOS
 PRONTOS VEGETARIANOS
 CERTIFICADA PELA SOCIEDADE
 VEGETARIANA BRASILEIRA.

Para atender aos mais de 16 milhões de brasileiros vegetarianos e a um cenário em que 28% dos brasileiros pretendem reduzir o consumo de carne animal, a Superbom lança a nova linha de pratos prontos vegetarianos sem glúten.

Com sabores surpreendentes, os novos pratos chegam em três opções e com uma verdadeira lista de diferenciais.

Os pratos prontos Superbom são feitos com matéria-prima de primeira linha, com o melhor da soja, acrescidos de especiarias exclusivas. Utiliza em sua formulação o óleo de canola, riquíssimo em Ômega-3, ácido alfa linolênico e ácido linoleico.

100%
 Vegetal

Free
 GLUTEN

Soja NÃO
 Transgênica

ZERO
 Colesterol

RICO EM
 Fibras

ZERO
 Conservantes

NÃO CONTÉM GLÚTEN



Cortezia da autora

Vida total

Deus nos fez completos e deseja que sejamos integralmente saudáveis, nos aspectos físico, mental e espiritual

Após um dia cansativo de trabalho, Carla chegou em casa, sentou-se no sofá e sentiu que seu corpo doía. Na verdade, aquela não foi a primeira vez que isso aconteceu. Ela cuidava da saúde, e acreditava que tinha uma vida satisfatória quanto ao cuidado do corpo. Carla perguntava a si mesma de onde vinham aquelas dores. Por isso, decidiu procurar um médico para entender melhor o que estava acontecendo.

Durante a consulta, o médico lhe fez muitas perguntas. Perguntou sobre seu estilo de vida, trabalho e sua rotina diária. Ao responder às perguntas do médico, Carla começou a ficar surpresa diante do que começava a perceber na sua própria vida. Deu-se conta de que não fazia exercícios físicos regularmente, não dormia o suficiente para descansar porque estava sempre muito atarefada, estava enfrentando uma pesada carga de estresse no trabalho, não tinha prazer em estar com amigos e, nas últimas semanas,

sentia-se muito triste sem motivo aparente. O médico solicitou alguns exames, mas nenhum problema de origem orgânica foi diagnosticado em Carla. O que estava acontecendo? Por que seu corpo dava sinais de que não estava bem? Por que doía? Acaso seria uma forma de gritar que algo estava errado?

Físico e mente

Vivemos em um tempo no qual as pessoas buscam insistentemente centralizar-se na própria saúde. Lojas de produtos naturais e academias têm se multiplicado. Redes sociais têm sido bombardeadas com notícias sobre saúde, dicas para emagrecer, fotos e notícias de pessoas se exercitando, alternativas para uma dieta diferenciada, muitas sugestões de cuidado do corpo.

Em contrapartida, a sociedade nunca esteve tão doente emocionalmente, marcada por transtornos psicológicos, relacionamentos devastados, ansiedades e dificuldades para gerir as próprias dores e frustrações. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), os transtornos e doenças mentais afetam



mais de 400 milhões de pessoas no mundo. No Brasil, estima-se que 23 milhões de pessoas enfrentem problemas desse tipo, sendo que para cinco milhões esses problemas variam entre moderados a graves. É um quadro assustador.

A sociedade tem falado muito sobre saúde física, mas tem esquecido a saúde mental, o que favorece uma visão dividida sobre os indivíduos. Para a OMS, saúde representa um completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças. Assim, falar somente de um aspecto e se esquecer do outro, ou supervalorizar um em detrimento do outro, é um erro em que caímos às vezes sem perceber. Contudo, para compreender amplamente a saúde, precisamos deixar de lado a visão dicotômica do sujeito e resgatar a visão completa, em que a saúde mental e física andam juntas e interferem diretamente uma na outra.

A saúde física e mental tem a mesma importância no bem-estar geral das pessoas. De acordo com Ellen G. White, “os que estão doentes do corpo quase sempre estão também doentes da mente, e quando a alma está enferma o corpo também é afetado”¹. Assim, quando não cuidamos do corpo, por meio de um estilo de vida saudável, acabamos afetando também nossa mente, nossas emoções e nossos relacionamentos.

Perigos femininos

Quando pensamos especificamente na saúde da mulher, compreendemos que, no contexto atual, ela vive uma rotina bastante dinâmica, atarefada e corrida. Esse contexto, aliado à falta de organização do tempo, propicia o surgimento de doenças físicas e mentais, pois a demanda de multitarefas e até a multiplicidade de papéis exercidos contribuem para a falta de atividades físicas, alimentação inadequada, poucas horas de sono, estresse, desordens psíquicas, sofrimento emocional e falta de comunhão com Deus.

No mundo, o câncer de mama é o mais comum entre as mulheres. Segundo o Instituto Nacional do Câncer, no Brasil, ele responde por altas taxas de mortalidade. Quando analisado do ponto de vista psicológico, autores apontam como fator importante, entre suas causas e origens, a repressão de emoções. A psico-oncologia aponta as características de personalidade e estados afetivos, como estresse e depressão no processo de alteração das condições imunológicas, além das mutações genéticas, como fatores desencadeantes do câncer.²

“Muito íntima é a relação que existe entre a mente e o corpo. Quando um é afetado, o outro se ressentido. O estado da mente atua muito mais na saúde do que muitos julgam. Muitas das doenças sofridas pelos homens são resultado de depressão mental. Desgosto, ansiedade, descontentamento, remorso, culpa, desconfiança, todos tendem a consumir as forças vitais, e a convidar a decadência e a morte.”³ Assim, entendemos que o poder da mente é determinante sobre o corpo, sendo capaz de

originar dores, doenças e reações de grande impacto, resultando em um fenômeno bastante comum conhecido como somatização.

“A relação entre transtornos somáticos e variáveis psicológicas pode ocorrer de diversas formas, seja porque os fatores psicológicos interferem no tratamento do problema médico, comprometendo a adesão; seja porque provocam respostas fisiológicas que precipitam ou exacerbam os sintomas físicos. Ou ainda, o próprio estilo de vida se constitui um risco adicional à saúde da pessoa.”⁴

São diversas as formas como nosso campo psíquico pode comprometer a saúde física e vice-versa, numa relação íntima de causa e efeito. Os fatores emocionais e psicológicos que favorecem o surgimento de doenças também são diversos. “Autores observam que, em determinadas afecções dermatológicas os traços de personalidade, o modo de reagir ao estresse e o estilo de vida podem afetar a enfermidade ou a adesão às recomendações médicas, assim como a presença de estressores psicossociais, desajustamento interpessoal e baixa autoestima. Outros sugerem que estímulos emocionais estão relacionados à formação da úlcera duodenal através de respostas fisiológicas, com aumento das concentrações de ácido e pepsina.”⁵

O plano de Deus

Muitas mulheres têm sofrido fisicamente com doenças originadas na mente, que avançam pelo corpo e vão roubando a energia e vida abundante que Deus planejou para elas. Muitas têm investido grandes quantias de recursos financeiros em medicamentos na tentativa de curar o corpo, não percebendo que a fonte do problema é outra. Muitas têm-se esquecido dos remédios naturais deixados por Deus, e têm optado por artificialismos que não favorecem a cura. Deus deixou instruções certas, que nos podem ajudar a trilhar esse caminho. Não basta apenas cuidar do corpo. Não basta apenas cuidar da mente. Deus nos faz completos e deseja que sejamos integralmente saudáveis, inclusive no aspecto espiritual.

Fazer uso dos remédios naturais deixados por Deus, manter comunhão intensa com Ele e procurar um profissional especializado nas áreas de saúde física e mental, quando for necessário, são passos fundamentais para a vida saudável e plena. Lembre-se: Deus não criou você para uma vida de doenças e sofrimento, mas para uma vida de alegrias e realizações; uma vida que proporciona a realização de todos os lindos sonhos que Ele planejou para você. **M**

Referências:

¹ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, p. 300, 301.

² Márcia Fernandes Bandeira e Valéria Barbieri, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 23, nº 3, (2007), p. 295-304.

³ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 241.

⁴ J. Bacchi, Paola Salinas e Ricardo Gorayeb, *Revista Latino-Americana Psicopatologia Fundamental*, v. 6, nº 2, (2003), p. 26-35.

⁵ Ibid.

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO PARA A IGREJA

METAS MAIS IMPORTANTES

META	EXECUÇÃO DEPARTAMENTOS ENVOLVIDOS	PRAZO FINAL (Data)	ALVO	REALIZADO
GRANDE META:				
OUTRAS METAS:				
COMUNHÃO: 1.				
RELACIONAMENTO: 1.				
MISSÃO: 1.				
DISCIPULADO: 1.				
MISSÃO GLOBAL: 1.				

Algumas dicas e dados que podem ajudar muito:

1. Envolver todos os oficiais da igreja e um assessor com habilidade administrativa, na elaboração do planejamento.
2. Qual é o índice de crescimento real da igreja nos últimos 5 anos? (batismos, remoções, transferências, mortes, etc.)*Ver ACMS.
3. Quais foram os projetos que mais geraram resultados nos últimos 5 anos? (Ponto forte da igreja)

Seguir um plano organizado (EGW, *Liderança Cristã*, p. 61).

Tenha em mãos o RID (Relatório Integrado dos Departamentos) e as listas de:

- Oficiais de cada igreja e cadastro com endereço (ACMS);
- Missionários que levam pessoas ao batismo (ACMS). Busque na ficha batismal a pergunta: "De quem recebeu instruções para o batismo?" e veja os nomes que se repetem nos últimos 3 a 5 anos;

• Membros, dizimistas, ofertantes e alunos da Escola Sabatina.

Existem fontes de interessados em estudar a Bíblia que podem ser cadastrados no ACMS.

- Recepção da igreja
- Desbravadores

Tenha um placar missionário que comunique em três segundos se a igreja está cumprindo a missão e suas metas. Tudo que a igreja realiza deve levar pessoas a estudar a Bíblia e a uma decisão, em média, a cada 4 estudos bíblicos.

Exemplo de uma igreja de 100 membros:
alvo de batismo = 10 pessoas
alvo de estudos bíblicos = 40.

- Amigos e familiares
- Escola Bíblica da TV Novo Tempo
- Programações da igreja, amigos que aceitaram apelos, etc. Cada pastor e igreja precisam cuidar para que estes nomes sejam atendidos da melhor maneira possível.

Esta proposta está dividida em quatro partes: **Antecedentes, Planejamento, Execução, Controle e Celebração.**

ANTECEDENTES – Sonho ou Visão, Missão e Propósitos.

Sonho ou Visão

O sonho ou visão deve ser o anseio interior do líder rumo à meta. Deve ser bíblico, fruto da fé, tendo como combustível a paixão.

Missão

Como disse Jack Welch, "a declaração de missão eficaz equilibra o possível e o impossível".

Propósitos

"Assim corro também eu, não sem meta" (1 Coríntios 9:26).

O poder do foco

Franklin Covey afirma que "grandes líderes entendem que conseguem executar, de forma excelente, apenas duas ou três metas por vez".

Execução (acompanhar em cada comissão de igreja)

Todos os envolvidos da equipe precisam de um processo que ajude a focar em suas metas para executá-las.

Celebração (a cada trimestre)

Celebrar as vitórias e reconhecer publicamente o que temos alcançado juntos. Isso nos une ainda mais com nossas famílias e reforça nossos valores e senso de comunidade.

UM SONHO POSSÍVEL: "DUPLICAR O NÚMERO DE MEMBROS DA IGREJA EM 10 ANOS"

Ex.: Uma igreja de 100 membros com 10 Unidades de Ação da Escola Sabatina/PG. A cada ano, as 10 Unidades se comprometem a batizar e discipular uma pessoa. A cada ano, a igreja se multiplica e tem uma nova Unidade de Ação com 10 novos conversos. Em 10 anos, 10 novas Unidades de Ação e uma nova igreja se tornam realidade.

GRANDE META

“Fazer _____ discípulos através de comunhão, relacionamento e missão”

Em cada comissão de igreja fazer duas perguntas a cada líder:

1. O que você e seu departamento realizaram neste mês para alcançar a grande meta? (Fazer _____ discípulos)
2. O que você e seu departamento se propõem a realizar no próximo mês para alcançar a grande meta? (Fazer _____ discípulos)

DEPARTAMENTO	PROPOSTO	REALIZADO

Pregue a Palavra e visite as pessoas (EGW, *Ministério Pastoral*, p. 37).

MEDIDAS DE DIREÇÃO para execução do planejamento

JANEIRO – MARÇO	PROPOSTO	REALIZADO
• Capacitação dos líderes dos departamentos. (Distrital / Campo)		
• Programa de treinamento e acompanhamento dos missionários		
• Organização da Semana Santa (igreja e pequenos grupos)		
• Realização do Evangelismo de Semana Santa		
• Escala de pregação trimestral que contemple 7 das 28 Crenças Fundamentais		
• Batismo (percentual do alvo anual)		
• Projetos Campo Local		
• Projetos Igreja Local		
AVALIAÇÃO do Relatório Integrado dos Departamentos e do Crescimento REAL; CELEBRAÇÃO DAS VITÓRIAS DO TRIMESTRE (Confraternização).		
ABRIL - JUNHO	PROPOSTO	REALIZADO
• Programa de treinamento e acompanhamento dos missionários		
• Promoção e acompanhamento das trimestrais do Ministério da Criança		
• Escala de pregação trimestral que contemple 7 das 28 Crenças Fundamentais		
• Lançamento da Classe Bíblica do batismo da primavera		
• Realização do Evangelismo de Colheita		

• Batismo (percentual do alvo anual)		
• Projetos Campo Local		
• Projetos Igreja Local		
REUNIÃO ADMINISTRATIVA (com todos os membros batizados, os líderes dos departamentos apresentam um breve relatório do semestre); AVALIAÇÃO DO RID.		
Análise do crescimento REAL da igreja; CELEBRAÇÃO DAS VITÓRIAS DO TRIMESTRE (Confraternização).		
JULHO – SETEMBRO	PROPOSTO	REALIZADO
• Escala de pregação trimestral que contemple 7 das 28 Crenças Fundamentais		
• Evangelismo de Colheita		
• Batismo da primavera (percentual do alvo anual)		
• Projetos Campo Local		
• Projetos Igreja Local		
AVALIAÇÃO do Relatório Integrado dos Departamentos e do Crescimento REAL; CELEBRAÇÃO DAS VITÓRIAS DO TRIMESTRE (Confraternização).		
OUTUBRO – DEZEMBRO	PROPOSTO	REALIZADO
• Escala de pregação trimestral que contemple 7 das 28 Crenças Fundamentais		
• Batismo da primavera e até o fim do ano (percentual do alvo anual)		
• Elaboração do Planejamento Estratégico para as Igrejas para o ano seguinte		
• Lançamento do planejamento anual em cada igreja e grupo nos últimos 15 dias do ano (antes de sair de férias)		
• Projetos Campo Local		
• Projetos Igreja Local		
AVALIAÇÃO do Relatório Integrado dos Departamentos e do Crescimento REAL; CELEBRAÇÃO DAS VITÓRIAS DO TRIMESTRE (Confraternização).		

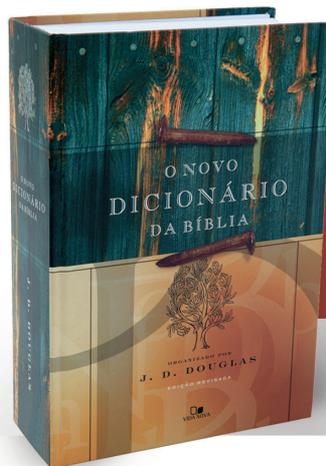
RESUMO DAS MEDIDAS DE EXECUÇÃO DO PLANEJAMENTO

- Contar os envolvidos no CRM e crescer 20% ao ano.
- Acompanhar a execução do planejamento todos os meses nas comissões das igrejas.
 - Visitar todos os membros uma vez ao ano e os líderes e missionários duas vezes ao ano.
 - Viver em harmonia com Campo, União e Divisão Sul-Americana.
 - Diminuir a média de membros por batismos (alvo: mínimo 10 membros por batismo).
 - Plantar uma nova igreja a cada 2 anos, com Clube de Desbravadores.
 - Avaliar todos os trimestres as atividades da igreja pelo RID e enviar via ACMS.
 - Análise mensal dos dízimos e ofertas nas comissões da igreja.



A DESCOBERTA: A EXPERIÊNCIA QUE REVOLUCIONOU A VIDA DE UM CIENTISTA ATEU – Denis Cruz e Michelson Borges, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, tel.: 0800-9790606, www.cpb.com.br, 160 páginas.

O que acontece quando alguém famoso, intelectual, bem-sucedido e rico percebe que há situações para as quais nada disso resolve? O que acontece quando um brilhante cientista ateu descobre que a ciência não tem todas as respostas para os dilemas da vida? *A Descoberta* é um livro relevante, conciso e prático para fundamentar a fé criacionista. Nele, seus autores apresentam, além de uma narrativa envolvente, sugestões de material auxiliar para aqueles que desejam se aprofundar no tema.



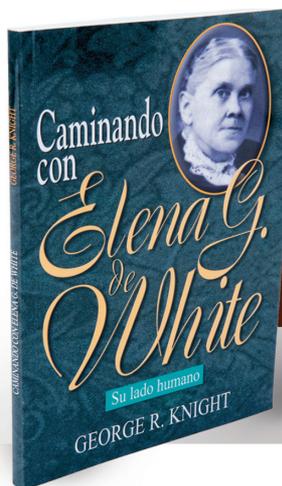
O NOVO DICIONÁRIO DA BÍBLIA – J. D. Douglas (organizador), Edições Vida Nova, São Paulo, SP, www.vidanova.com.br; e-mail: vidanova@vidanova.com.br, 1402 páginas.

O Novo Dicionário da Bíblia é um clássico que atende satisfatoriamente a estudiosos e pesquisadores que desejam conhecer mais profundamente as Escrituras Sagradas. Contém milhares de verbetes com informações relevantes sobre pessoas, lugares, geografia, história, doutrinas, cultura e costumes dos tempos bíblicos, entre outros assuntos. Aproximadamente 150 especialistas cristãos de todas as partes do mundo participaram desse projeto, que é um verdadeiro tesouro de conhecimento sobre a Bíblia.



VARIANTES TEXTUAIS DO NOVO TESTAMENTO GREGO – Roger L. Omanson, Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, tel.: (11) 3474-5760, www.sbb.com.br, 424 páginas.

Este livro explica os cerca de 1.400 pontos do Novo Testamento em que há variantes textuais. Omanson adaptou o comentário às necessidades dos que raramente são especialistas em crítica textual. Apresenta o assunto numa linguagem menos técnica possível. Traz referências às traduções em português, como as edições de Almeida, a NTLH, a *Nova Bíblia de Jerusalém*, entre outras. Para ler e estudar esta obra com real proveito, é recomendável ter em mãos *O Novo Testamento Grego*.



CAMINANDO COM ELENA G. DE WHITE – George R. Knight, Asociación Casa Editora Sudamericana, Buenos Aires, Argentina, aces@aces.com.ar, 151 páginas.

Ellen G. White foi uma pessoa real que viveu em um mundo real. Neste livro, o leitor vai descobrir quão parecida foi a vida dela com a nossa. Acaso, você tem lutas na vida cristã, no casamento ou com algum filho? Ela também as enfrentou. Você se diverte com um bom gracejo ou anedota? Ela também se divertia. Em *Caminando com Elena de White*, o teólogo, historiador e escritor George R. Knight mostra o lado humano de alguém a quem muitos conhecem apenas como escritora.



Cortezia do autor

O lar eterno

“O Céu tem três andares e um subsolo”, disse um menino à professora. “O assoalho são as nuvens. Deus dorme nos dois primeiros andares, Papai Noel mora com suas renas e brinquedos no terceiro andar e os anjos dormem no subsolo. Todas as casas são feitas de pão de mel e os rios têm cores diferentes – vermelha, azul, rosa, verde, alaranjada..., e isso é tudo!”

Seria assim “o céu” em que os salvos irão morar após a *Parousia*? Essa palavra significa aparição, presença, vinda, manifestação, e expressa a esperança dos cristãos: o advento de Cristo. O Rei dos reis virá como o relâmpago, que “sai do oriente e se mostra até no ocidente” (Mt 24:27).

O Filho de Deus despertará os justos, que se levantarão incorruptíveis das sepulturas, e os vivos serão transformados. Serão reunidos pelos anjos e elevados para encontrar “o Senhor nos ares”. Todos os ímpios morrerão e Satanás ficará cativo neste planeta desolado, enquanto os remidos permanecerão no Céu durante mil anos. Após esse período, Cristo descenderá com os salvos e estabelecerá a Cidade Santa – a nova Jerusalém – na Terra, que, terminada a ação do fogo que consumirá Satanás, os anjos maus e os ímpios, será o eterno lar dos salvos (1Ts 4:13-17; Ap 20:21).

Embora a Bíblia seja clara quanto ao assunto, entre as denominações cristãs existe um emaranhado de ideias confusas: pré-tribulacionismo, arrebatamento secreto, sionismo, pós-milenialismo e amilenialismo. Isso se deve a uma equivocada interpretação da escatologia.

Os remidos glorificados desfrutarão do ambiente celestial. Não haverá vestígios do mundo pecaminoso. Apenas uma lembrança permanecerá: Jesus levará para sempre os sinais de Sua crucificação, as únicas marcas da maligna obra que o pecado efetuou.

No fim dos mil anos, com Jesus à frente, os salvos descenderão para a Terra. Então, com imponente majestade, Jesus chamará os ímpios mortos, que ressuscitarão com os corpos doentios com que baixaram à sepultura.



A vida na Terra é uma preparação para a vida no Céu. O que somos hoje é o prenúncio daquilo que seremos na eternidade”

Satanás verá aquela inumerável multidão e reunirá um grande exército para a última grande luta pela supremacia do Universo. Marcharão pela superfície da Terra, a fim de destruir a cidade e o povo santo; mas descenderá fogo do céu e consumirá a todos (Ap 20:9, 10). O fogo que destruirá os ímpios purificará a Terra.

“Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do Céu, da parte de Deus” (Ap 21:2). Ellen G. White, no último capítulo do livro *O Grande Conflito*, sintetiza esse glorioso lar: “Ali as extensas planícies avultam em colinas de beleza, e as montanhas de Deus erguem seus altivos píncaros. [...] Ali os mais grandiosos empreendimentos poderão ser levados avante, alcançadas as mais elevadas aspirações. [...] Todos os tesouros do Universo estarão abertos ao estudo dos remidos de Deus.” Alçarão voo para os mundos distantes, adquirirão a sabedoria dos seres não caídos. A cruz de Cristo será seu estudo por toda a eternidade.

Seremos uma grande família, unida e feliz. Reencontraremos nossos entes queridos e amigos. “Talvez tenham sido deformados, doentes, desfigurados nesta vida mortal, no entanto, no corpo glorificado será perfeitamente mantida a identidade. [...] No rosto glorioso da luz que irradia da face de Cristo, reconheceremos os traços daqueles que amamos” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 804). “Todos os santos ligados aqui por laços familiares conhecerão ali uns aos outros” (*Mensagens Escollidas*, v. 3, p. 316). Haverá casas belíssimas, com lindos bosques, porém, nenhuma árvore da ciência do bem e do mal. O sábado será observado e a lei de Deus permanecerá firme e existirá por toda a eternidade (Is 66:23).

O grande conflito em breve findará. Estamos a caminho do lar eterno. A vida na Terra é uma preparação para a vida no Céu. O que somos hoje é o prenúncio daquilo que seremos na eternidade. **M**

Márcio Nastrini

Editor associado de Ministério

Seja um adventista BEM-INFORMADO



conheça

saiba

compartilhe

opine



A *Revista Adventista* é indispensável para todo adventista. Por meio dela você fica sabendo de tudo o que acontece em nossa igreja. Torna-se um formador de opinião. Ganha conteúdo teológico. Alimenta sua vida espiritual. Com visual agradável e excelente conteúdo, a *Revista Adventista* faz de você um membro bem-informado.

ASSINE POR APENAS R\$ 24,00
0800-9790606 | cpb.com.br | CPB livraria

Envie um SMS para o número 28908 com a mensagem CPBLIGA e entraremos em contato com você.